



PER BX1970.A1 L513

Revista gregoriana.



Digitized by the Internet Archive
in 2016

LAP

LIBRARY OF PRINCETON
THEOLOGICAL SEMINARY
JAN 20 1988



Revista GREGORIANA

SETEMBRO 23 OUTUBRO
1 9 5 7 ANO IV

INSTITUTO PIO X
DO RIO DE JANEIRO

INFORMAÇÕES

vôl. 2

REVISTA GREGORIANA do INSTITUTO PIO X do RIO DE JANEIRO

1966 - 100 pags.

Publicação Mensal de Direito Canônico e Litúrgico

Exemplar de 100 exemplares - Anualidade

OBJETIVO

DOIA DOBRODIAÇA

COLABORADORES

Dr. Sérgio de Castro — Foz de Iguaçu

Dr. Roberto de Medeiros — Belo Horizonte

Dr. Paulo Damasceno

Assunt. de Ciências — Centro de Estudos Gregorianos
de Paris

Dr. José de Faria — São Paulo — Faculdade de Teologia e
Ciências de Paris

Dr. José de Faria — Faculdade de Teologia e Ciências de Paris
Dr. José de Faria — Faculdade de Teologia e Ciências de Paris

Dr. Roberto de Medeiros — Faculdade de Teologia e Ciências
de Paris

Dr. Roberto de Medeiros — Faculdade de Teologia e Ciências
de Paris

Dr. Roberto de Medeiros

- ★ — Tudo que se refere à REDAÇÃO ou à ADMINISTRAÇÃO (incluindo assinaturas) deve ser encaminhado ao endereço: **REVISTA GREGORIANA do INSTITUTO PIO X DO RIO DE JANEIRO, Rua Real Grãzeira, 108 — Centro Social Teológico — Botafogo, RIO DE JANEIRO**
- ★ — **ASSINATURA ANUAL** (classe a "Anual") — Por esquite: **Revista Gregoriana** — Para o Brasil: Cr\$ 100,00 — Para a Estrangeira: Cr\$ 120,00 — **Assinaturas**: Cr\$ 15,00 — Número integral: Cr\$ 20,00 — **Assinaturas de estudantes**: Cr\$ 2,00
- ★ — **Assinaturas do INSTITUTO PIO X** (Brasil, Europa e América) — 11 Av. Rio de Janeiro, 1 — Centro Teológico e Centro Arquidiocesano do Rio de Janeiro
- ★ — A **REVISTA GREGORIANA** é enviada aos Brs. por meio do **INSTITUTO PIO X DO RIO DE JANEIRO**
- ★ — **Enviar as cartas e correspondência** ao **INSTITUTO PIO X** sem qualquer compromisso de publicação para o redator
- ★ — Os pagamentos são feitos por **Carta Postal** ou **cheque** em nome do **Diretor** do **INSTITUTO PIO X** — **Rua Real Grãzeira, 108 — Botafogo — Rio de Janeiro**
- ★ — **Interessados em pagar** pelo **INSTITUTO PIO X DO RIO DE JANEIRO** devem sempre avisar sobre todas as suas atividades (anúncios de cursos, conferências, Missas, C. n. tadas, etc.) e do movimento gerencial em geral, para um grande auxílio à irradiação da **Obra Gregoriana** no Brasil. Esperamos da sua ajuda e interesse como:

Sócio Titular — Cr\$ 120,00 por ano

Sócio Proletar — Cr\$ 30,00 por ano

Sócio Fundador — Cr\$ 500,00 por ano

Sócio Benefício — Cr\$ 1.000,00 por ano ou mais



DEO NOSTRO SIT JUCUNDA DECORAQUE LAUDATIO.

Sl. 146, 1

TEMPLO

TEMA do próximo número: **A VIRGEM**

SUMÁRIO

A Igreja — pelo P. Clérissac, O. P.	3
Como a corça deseja a água viva — por D. Estevão Bettencourt, O.S.B.	7
A Igreja eterna de Deus e do Cristo — pelo P. Liégé, O.P.	20
Dedicação — por D. Léon Robert, m.b.	23
A Missa da Dedicação — por D. João Evangelista Enout. O.S.B.	30
Curso de Canto Gregoriano por Correspondência — por Ir. Marie-Rose Porto, O.P.	37
Método Ward — adaptação por D. Daisy Alcalá	42
Bibliografia	47
Vida do Instituto Pio X	49

•

Direitos de propriedade reservados para todos os desenhos.

COM APROVAÇÃO ECLESIAÍSTICA

A I G R E J A

seu papel sacerdotal

HIERÁTICA ou sacerdotal, eis como, antes do mais, qualificaremos o ofício que a Igreja desempenha entre Deus e os homens. No momento em que, segundo a grande descrição de São Paulo, o Senhor Jesus faz sua entrada gloriosa no céu para ali completar como em Templo definitivo, sua função sacerdotal (1), também então, a Igreja mostra-se ao mundo no esplendor das insígnias do Sacerdócio, para continuar, inseparavelmente com êle, do lado da terra esta mesma função.

Mas o Senhor Jesus, notêmo-lo bem, fôra Sacerdote desde o início e em todos os instantes de sua vida mortal pelos atos antecipados de seu Coração: deverá continuar a sê-lo em tôdas as coisas na sua Igreja, e de maneira visível. Realização cabal dos *sacrificium et oblationem noluiti, tunc...* (2).

Com efeito, tudo nela está baseado no Sacrifício. Primeiramente, sua constituição *hierárquica*, justamente assim chamada (3) porque a aptidão às diversas Ordens que a compõe é dada pelo Sacramento que confere o poder do Sacrifício. Tôdas as suas outras funções não passam de prolongamento de seu Sacerdócio: seu ensino não tem outro objetivo senão de fazer conhecer o plano divino da Redenção pelo Sacrifício; sua oração não passa de preparação ou acompanhamento ou ação-de-graças do Sacrifício; sua ação apostólica e carita-

(1) Hebr., IX, 24-28.

(2) Não quisestes nem sacrificio nem oblação, então eu disse: Eis-me. (Salmo XXXIX,7).

(3) O Autor chama a atenção aqui sobre o sentido inicial e etimológico da palavra hierarquia (poder em virtude de caráter sagrado), que será útil comparar com monarquia (poder nas mãos de um só) e oligarquia (poder nas mãos de alguns). Vê-se daí que o sentido atual desta palavra que designa qualquer espécie de subordinação (hierarquia social, hierarquia dos deveres) acha-se muito derivado.

tiva tende, sim, à aplicação universal e continua dos méritos e dos frutos do Sacrifício.

Como aparece aqui ultrapassado o sacerdócio natural do homem na Creação! Membro do corpo místico do Cristo, qualquer batizado torna-se cōcelebrante do único Sacrifício, com a Igreja e o Cristo: *Unde et memores, nos servi tui sed et plebs tua sancta* (4). Tal participação ao Sacerdócio da Igreja (e o batizado tem mesmo sua parte, embora às vèzes desaparecida, nos prolongamentos do Sacerdócio há pouco indicados) constitui doravante sua verdadeira realeza: *Gens sancta, regale sacerdotium* (5).

Vamos até o fundo desta inferência e não tenhamos dizer que o caráter hierático é, na vida da Igreja, dominante, dominador e mesmo exclusivo.

Dominante: com efeito, na visão da Igreja primitiva, constitui-se no traço mais marcante e belo. A Liturgia celeste do Cordeiro, no Apocalipse mais não é, senão a transposição profética do que se passava realmente nos Mistérios. Homens do Templo e da oração em comum, os Apóstolos, nas comunidades que vão fundar em lugares longínquos, continuam sendo *Hierarcas*, de acórdm com toda a magnificência do sentido que mais tarde Dionísio emprestará a esta palavra e a este ofício. E não apenas os primeiros sacerdotes e diáconos, mas também os primeiros fiéis, compartilham com os Apóstolos, de dia e de noite, esta vida canônica cujo centro luminoso é o Altar.

Quem ousará afirmar que esta vida hierática da Igreja primitiva seja uma utopia acidentalmente realizada, ou simplesmente uma perfeição demasiado grande para as exigências do estudo e as necessidades da ação nos permitiram de ainda tendermos a ela! A ciência que dela nos desviasse totalmente fôra humanismo vão, mais nada; e simples individualismo a ação daí resultante. Muito estudo e muita ação, sem dúvida, são necessários; entretanto, muito estudo e muita ação jamais valerão uma Missa Solene.

De fato como de direito, o caráter hierático é dominante na vida da Igreja, porque a Igreja, possuindo um sentido bem divino dos direitos da Majestade divina — *offerimus praeclarae Majestati tuae*, diz ela no Canon (6) — além de reconhecer à virtude de religião a preeminência que lhe cabe sobre as outras virtudes morais, amplia-lhe e exalta-lhe o exercício. Ela o quer completo, isto é, sensível e aparente tanto quanto interior; ela o quer coletivo e oficial; assegura-lhe continuidade e regularidade cotidiana; cerca-o de pompa e aparato. Assim a religião da Igreja continua, completa, e lhe empresta as mais sensíveis formas, a religião-mesma da Alma do Cristo.

Dominador; o caráter hierático o é de fato. O que a Igreja unicamente impõe ao mundo, o que ela mais custa fazer-lhe aceitar, e aquilo por que o conquista, é seu Sacerdócio, é a necessidade mediatrix e universal de sua intervenção. Na história, imediatamente após as lutas doutrinárias vêm as lutas pela dignidade e pela independência de seu sacerdócio. A ação dos maiores e mais santos Papas só é poderosa e fecunda porque agem como Pontífices. Os Bispos e os monges não pretendem primeiro civilizar os bárbaros para em seguida convertê-los: batizam-nos para os civilizar. Nenhum pacto, nenhuma

(4) Nós, vossos servos, e todo vosso povo santo (Canon da Missa).

(5) Raça santa, raça real. (I Pedr., II,9).

(6) Oferecemos a vossa muito Augusta Majestade.

concordata estabelece entre a Igreja e os Reis laços fortes e vivos quanto a Sagração. De outro lado, os Príncipes nada invejaram tanto quanto o direito divino da Igreja e seu império sobre as consciências. Também nos dias que correm, a única armadura das civilizações ameaçadas ou semi-desagregadas pela anarquia, é o que lhes resta dos Sacramentos que, consagrando as funções privadas e públicas, as idades e as grandes datas da vida humana conservam-lhes a moralidade e a saúde, para não dizermos a santidade. De modo que, como outrora, a fonte de nossas civilizações é sempre um batistério, e por ele, o Sacerdócio. Compreende-se então bem que o que os inimigos da Igreja queriam tanto vê-la abdicar, mas que o mundo lhe não perdoaria de esquecer, é o seu Sacerdócio.

Exclusivo: o caráter hierático deve sê-lo, se é verdade que toda participação, longínqua embora, no Sacrifício do Cristo, faz do cristão de qualquer grau, uma hóstia, *offerens et oblati* (7), como o próprio Cristo. O Sacerdote e o batizado são inegavelmente, separados, não só unicamente em virtude de uma necessidade de ascetismo individual, mas por serem, embora desigualmente, consagrados, em virtude da imolação ativa e passiva do Cristo, na qual entraram.

O sacerdote exila o coração na solidão do voto; e quantas outras renúncias às superfluidades profanas não significa para ele a tonsura, ao tempo em que lheorna a fronte de mais virilidade!

Não deverá esperar ter sentido que sua presença é impossível em certos lugares e sua ação sem efeito, para robustecer seu zelo na força da missão e do espírito, alimentar sua alma na seiva dos ritos sagrados, e irradiar a chama do seu sacrifício.

Não se confunda isso com o impasse de se estar em perpétua cerimônia ou de se estar sempre a dar bênçãos: é apenas o *Imitamini quod tractatis* (8). Contra os *saecularia desideria* (9), contra a conformidade com o século (10) todo cristão é alertado pelo batismo e incessantemente lembrado que está "crucificado com Cristo".

Tal é a força, a extensão, a exigência do caráter hierático na vida da Hierarquia e do Sacerdócio, a dependência do criação comum e privada, e até das virtudes individuais com respeito ao Sacerdócio e aos Mistérios sacramentais. Ao mesmo tempo, dois fatos gloriosos ressaltam disto.

O primeiro destes fatos é a fidelidade da Igreja à lembrança que seu Espôso pediu lhe guardasse: *haec quotiescunque feceritis, in mei memcriam facietis* (11).

Tôdas as peças antigas encontradas nas diversas liturgias outra coisa não são senão a marca deixada na memória e no coração da Igreja pela primeira liturgia da Quinta-Feira santa; tornamos a encontrar esta noção sagrada em passagens rápidas e ternas, como, por exemplo, nestas poucas palavras do Canon: *Acceptit panem in san-*

(7) Aquêlo que oferece e aquilo que é oferecido, Sacerdote e Vítima. Cf. Santo Agostinho, *A Cidade de Deus*, livro X, cap. 20.

(8) Ponde-vos em conformidade com os Mistérios cujos ministros sois (Pontifical. Ordenação dos Sacerdotes).

(9) Os atrativos do mundo. (Tit., II, 12).

(10) Rom., XII, 2.

(11) Cada vez que fizerdes isto, fazei-o em minha memória (I Cor., XI, 25 e Canon da Missa).

ctas ac venerabiles manus suas (12), testemunha ocular, lembrança pessoal, inserção seguramente apostólica. Mas esta fiel e delicada lembrança da Igreja inspira e anima tôda a sua vida. Sua viuvez não é luto, embora lhe revista o patético; sua união não é a presença gloriosa, mas dela guarda tôda a irradiação e o ardor constante.

O outro fato é a eficácia vivida de seus ritos. A vida hierática da Igreja, sua liturgia, supondo mesmo que ela não fôsse fundada nos Sacramentos, ainda fôra o maior dos sacramentais. Erro incompreensível, o fato de cristãos mais não terem visto nela do que um sistema de símbolos, para atirarem neste seu elemento exterior e sensível o descrédito da inoportunidade ou do fastio. O caráter hierático, já vimos, deve penetrar a modo de um princípio, tôdas as demais funções vitais da Igreja.

A via hierática, mas é o ingresso nos estados de Cristo e na reprodução dêles. Tudo ali é espírito e vida.

A longa fêria que deveria ser a vida dos sacerdotes e cuja folga a Igreja quisera estender a todos os batizados, não é mais inativa do que o descanso eterno de Deus: *Pater meus usque modo operatur et ego operor* (13).

Atormentada pelo turbilhão dos apetites terrestres e reduzida pelas próprias febres intelectuais, a folga da alma, a melhor e mais pura de nossas alegrias, não será possível na Igreja.

...Tudo o que veio dito dá a razão de ser das insistências, da lentidão, digamos mesmo do comprimento da oração, do louvor e da maioria das funções hieráticas da Igreja. Ela parece perder o sentimento da duração terrestre, do poderoso choque das contingências (mesmo quando ela pede por necessidades atuais), querer ser sempre o eco indefinido da memória do Espôso que ela celebra, ou perder-se nas profundezas da adoração sem fim diante da majestade de seu Deus: *O Altitude! O Bonitas!* (14).

A Igreja não pára de passar de uma a outra. E' que a verdadeira contemplação é, de si, insistente e contínua; absorve e fixa a alma em seu objeto.

Ora é um dom divino de contemplação e de sabedoria que a Igreja exerce na sua vida hierática; e, por sua vez, a vida hierática sustenta e alimenta êste dom. Menos ainda do que Maria sentada aos pés do Senhor, a Igreja não pode se desligar desta muito melhor parte.

Extraído do *Mystère de l'Église*
(Crès, éditeur)

Ir. Ático Rubini
traduziu

**"O TEMPLO DE DEUS É SANTO
E VÓS SOIS ESTE TEMPLO".**

(1 Cor, III, 18)

(12) Ele tomou o pão nas suas mãos santas e veneráveis.

(13) Meu Pai não cessa de agir e eu também estou a agir (Jo, V,17).

(14) Ó Profundezas! Ó Bondade!



“COMO A CORÇA

deseja

a

UMA AGUA VIVA
MURMURA EM MIM
VEM PARA O PAI
(STO INACIO M)

ÁGUA VIVA...”

Os salmos 41 e 42

da Vulgata latina originariamente não constituíam senão uma peça, o que se percebe ainda hoje pelo fato de repetirem o mesmo estribilho (“Porque te entristeces, ó minha alma...?”) nos versículos 41,6, 12 e 42, 5. A separação se terá dado em época remota (pois as antigas traduções já a atestam) e se deve provavelmente a razões práticas ou ao uso litúrgico; é pouco feliz, porém, porque destitui o Sl 41 do seu devido remate; o Sl 42 exprime a súplica confiante, otimista, que na alma do autor sagrado sobrepuja decisivamente a aflicção expressa pelas estrofes anteriores. Não se levará, portanto, em consideração o título, certamente tardio, do Sl 42, título que atribui êste cântico a Davi, enquanto o anterior é apresentado como obra dos filhos de Coré” (cf. Sl 41, 1).

Nas páginas que se seguem, deveremos restringir-nos à leitura do Sl 41, do qual procuraremos penetrar o rico conteúdo espiritual.

* * *

Antes do mais, pergunta-se: qual será o tema geral da peça a ser analisada?

O Sl 41 exprime a nostalgia de um levita que, conforme a Lei de Moisés, servia ao culto divino no Templo de Jerusalém; vê-se, porém, exilado entre pagãos no Norte da Palestina; recorda-se então, saudoso, das solenidades outrora celebradas na Casa do Senhor e expande a sua alma na presença de Deus; o estribilho, oportunamente inserido nos vv. 6 e 12, deixa entrever confiança em meio à dor. A peça assim composta é tida como um dos mais belos cânticos do Saltério.

Para se entender plenamente o seu significado, torna-se indispensável reconstituir o que o Templo de Jerusalém representava para a piedade judaica.

D. ESTEVÃO BETTENCOURT, O. S. B.

Desde que o santuário de Deus entre os homens começa a ser mencionado na história sagrada (ou seja, desde os tempos do êxodo), aparece envolvido em certo **mistério**, que vem a ser a fonte do seu caráter sacral. Com efeito, diz-se-nos que a primeira mansão de Deus entre os homens já reproduzia fielmente um modelo que o Senhor se dignou mostrar a Moisés no monte Sinai:

“Seguirás exatamente, na confecção da mansão e de todo o seu mobiliário, os modelos que hei de te mostrar” (Êx 25,9).”

“Considera; depois executarás tudo conforme o modelo que te é mostrado sobre a montanha” (Êx 25,40; cf. 26,30; At 7,44).

Assim a tenda movediça confeccionada por obra de Moisés no deserto era portadora de valor simbólico profundo e caro aos israelitas; apresentada como cópia de Santuário maior, invisível ao comum dos mortais, deveria ser freqüentada com a reverência de quem entra na esfera de Deus ou em contato direto com o Senhor do Céu.

Uma vez estabelecidos na terra santa, os filhos de Israel, sob o governo de Salomão, construíram a Javé u'a mansão mais digna, o suntuoso templo de Jerusalém (cf. 2 Sam 7,13; 3 Rs 5,15s). Foi o próprio Deus quem, conforme 1 Crôn 21,18; 24,11. 18s, mostrou a Davi, pai do rei sábio, o local e o plano do futuro templo: o monte Moriá, antiga fortaleza de Sion. Ao novo santuário se transmitiu o caráter simbólico ou místico da tenda primitiva, como atesta o livro da Sabedoria, que atribui a Salomão a seguinte prece:

“Deus dos (nossos) Pais, Senhor de misericórdia...”

Tu me mandaste construir um Templo sobre a tua santa montanha
(Sion),

Um altar na cidade (Jerusalém) em que fixaste a tua Tenda.

Imagem da Tenda sagrada que preparaste desde as origens...”

(Sab 9,1.8)

No Novo Testamento encontrou eco eloqüente a concepção afirmada pelas Escrituras judaicas. São muito expressivos, por exemplo, os dizeres da epístola aos Hebreus:

“Os que oferecem as dádivas conforme a Lei (de Moisés), celebram um culto que é cópia e sombra das realidades celestes, de acôrdo com a advertência feita pelo Senhor a Moisés por ocasião da confecção da Tenda: ‘Considera, disse Ele; depois executarás tudo conforme o modelo que te é mostrado sobre a montanha’ (3,5). Cf. Hebr 9,23; Apc 13,6; 15,5.

Como se entende, estes textos não significam que nos céus haja um santuário material onde o Senhor Deus habite desde toda a eternidade, mas inculcem que a casa visível de Deus na terra está prenhe de realidade transcendente, penetrada de profundo mistério; nela se dá veladamente, por meio dos sacramentos (da Antiga e da Nova Lei), uma antecipação do encontro da criatura com o Criador na eternidade; nela se realiza uma parcela da Liturgia ou do culto que os justos, na glória celeste, prestam a Deus em seu próprio nome e em nome do universo inteiro.

Por isto também o templo de Salomão, por suas linhas arquitetônicas, devia representar a estrutura do universo. Este, conforme as concepções dos judeus, se compunha de três regiões: o céu, a terra e o mar (cf. Apc 21,1s). Ora

à região do céu correspondia, na arquitetura do templo, o santuário ou o Santo dos Santos, recinto pequeno e escuro em que se guardava a arca da

“COMO A CORÇA DESEJA A ÁGUA VIVA...”

Aliança e onde só o Sumo Sacerdote podia entrar uma vez por ano; aí julgavam os israelitas que Javé habitava por excelência;

à região da terra correspondia a grande nave central do Templo, em que se achavam o altar dos perfumes, os pães da proposição, o candelabro de ouro (cf. Êx 37,1-27); aí tinha acesso o comum dos fiéis;

a região do mar era simbolizada pelo adro da Casa, onde se encontrava o mar de bronze” ou enorme piscina destinada a prover às abluções rituais e aos usos do culto em geral.

Assim o universo inteiro, englobado simbolicamente na arquitetura do Templo, participava do louvor que Israel neste tributava a Deus.

Mas não se poderia dizer que todo êste simbolismo era simplesmente casual?

Concluir-se-á, ao contrário, que era premeditado e intencional, desde que se levem em conta não somente monumentos e textos dos egípcios e babilônicos (que referem a mentalidade dos antigos em geral) (1), mas também certas passagens da tradição judaica e cristã (2).

A mesma concepção grandiosa do culto sagrado levava os judeus a ver na própria veste talar com que o Sumo Sacerdote oficiava, uma imagem do mundo inteiro; era, sim, todo o cosmos que êle levava à presença do Altíssimo por ocasião das funções do Templo:

“Sobre a sua veste, que descia até os pés, estava o orbe inteiro (representado)” (Sab 18,24).

Compreende-se, pois, que tal modo de considerar o Templo e sua Liturgia, místico e profundo como era, tenha nutrido nos piedosos israelitas vivo amor à Cidade Santa de Jerusalém e à Morada do Senhor. Foi, sem dúvida, imbuído dêsse afeto que o levita inspirado cantou o Sl 41.

Difícil seria assinalar com precisão as circunstâncias em que o fêz; não é necessário, porém, retroceder até a época de Davi (1000 a.C.). Com mais probabilidade julga-se que o cântico date dos tempos do profeta Isaías (séc.

(1) Cf. G. Ricciotti, *Histoire d'Israel* I. Paris 1947, 372s.

(2) Entre outros, podem-se citar os testemunhos dos judeus Flávio José, *Antiquitates*, III 6,4: 7,7; Filon de Alexandria, *De vita Moysis* III 4s, e dos cristãos Orígenes, *In Exodum* hom. 9,4; São Gregório de Nazianzo, *Oração* 28, 31.

São Jerônimo (†420), por sua vez, se faz arauto dessa tradição nos seguintes termos:

“O mundo inteiro se acha reproduzido no mistério do Templo. O primeiro e o segundo recinto são acessíveis a todos (os fiéis), pois a água e a terra foram dadas a todos os mortais. A poucos, porém, se concede ingressar e penetrar no Santo dos Santos, como se se tratasse de atravessar os ares e penetrar no céu. Os doze pães significam o ciclo dos doze meses. Os sete luzeiros representam os sete astros em movimento. — Totus mundus in tabernaculi describitur sacramento. Primum et secundum vestibulum omnibus patet. Aqua enim et terra cunctis mortalibus data sunt. In sanctis vero sanctorum, quasi ad aethera et in caelum, paucorum introitus et volatus est. Duodecim panes duodecim mensium significant circuitum. Septem lucerne septem errantia astra demonstrant” (epist. 64,9).

D. ESTEVÃO BETTENCOURT, O. S. B.

VIII a.C.), já que vários salmos dos filhos de Coré (3) têm relações evidentes com os oráculos de Isaías. Sabe-se, com efeito, que em 701 o rei assírio Senaqueribe, à frente de grande exército, fêz violenta campanha na terra de Judá, conseguindo notáveis sucessos antes de ser decisivamente repellido por milagrosa intervenção do Senhor (cf. 3 Rs 19,20-37). A propósito referem os anais de Ninive a seguinte noticia consignada pelo próprio monarca:

“Pelo fogo e o ferro, pelos combates e as armas de guerra, deportei numerosas cidades, das quais me tornei senhor; delas fiz sair 200.150 habitantes, grandes e pequenos, homens e mulheres...” (4).

E' bem possível, pois, que, por essa ocasião, um levita obrigado a deixar Jerusalém em demanda do exílio no norte da Palestina (o v. 7 alude às nascentes do Jordão e ao monte Hermon) tenha expresso nos termos do Sl 41 a viva dor que lhe causavam não somente a separação do Templo, mas também o escárnio da população com a qual vivia (5): achava-se freqüentemente em contato com pagãos estabelecidos na região, os quais lhe deviam lançar em rosto a debilidade e impotência de Javé, Deus de Judá, que parecia não saber defender os seus fiéis devotos perante os ataques assírios.

O Sl 41, longe de ter perdido a sua atualidade, continua a ser cantado pelo povo de Deus. E' ainda com mais razão que o cristão experimenta veemente amor à Casa do Senhor; se o israelita podia entrever através das linhas do Templo de Jerusalém e do seu culto uma imagem dos diversos setores da criação e do louvor que esta tributa ao Altíssimo na eternidade, o discípulo de Cristo tem mais imperiosos motivos para considerar, com olhos abertos para o mistério, os santuários e o culto cristão. Neste último o encontro com Deus, o ante-gózo da vida eterna é muito mais rico, mais carregado de realidade, visto que os sacramentos da Nova Lei nos aproximam de Deus muito mais que os da Antiga. Cantando, pois, êste salmo, o cristão não somente professa sua estima à causa visível do Senhor, mas ainda mais ardentemente exprime seu anelo por entrar na Casa do Pai (cf. Jo 14,2); é, sim, em função desta que êle vive no mundo, desejando heróicamente purificar-se do pecado a fim de poder ser admitido, logo após o currículo terrestre, à contemplação da Beleza Incriada no “santuário celeste”, protótipo do terrestre (cf. Hebr 9,11s).

O salmo 41 apresenta duas estrofes:

- 2- 5 — anelo de Deus;
- 6 — estribilho de confiança;
- 7-11 — ardente efusão de alma;
- 12 — estribilho de confiança.

Passemos à análise do texto.

(3) Os “filhos de Coré” eram provavelmente descendentes do famoso levita Coré, que no deserto, junto com Datá e Abiron, se revoltou contra Moisés (cf. Núm 16, 1-35; 26,9-11). Segundo esta conjectura, pertenciam à tribo de Levi e estavam habilitados a formar um côro sagrado e prestar serviços no Templo, funções estas que lhes são explicitamente atribuídas em 1 Crôn 9,19; 2 Crôn 20, 19-21.

(4) Cf. Maspero, *Histoire ancienne des peuples d'Orient* 1904, 505.

(5) O reino israelita cismático dito da “Samaria”, ao Norte da Palestina, havia sido conquistado em 721 pelos assírios, que na região trataram de instalar numerosos colonos estrangeiros.

I. O Anelo a Deus: 2-5

2. ‘Como a corça deseja a água viva,
Assim minha alma suspira por ti, ó Deus’ (6).

O salmista começa o canto sob a impressão das horas abençoadas que passava na Casa de Deus em Jerusalém.

E, para exprimir seu estado de alma, recorre à graciosa imagem do veado ou, conforme o original hebraico, da corça (o hagiógrafo preferiu o vocábulo feminino talvez por causa do paralelismo com *nepesh*, alma, termo feminino que é o sujeito da comparação): no verão, quando riachos e fontes se secam na Palestina, a corça se dirige às regiões de pedras e rochas sobre as quais em tempos normais correm as caudais, e lá procura ávidamente uma gota para satisfazer a sede.

O verbo hebraico *ta'arogh* só se encontra em duas passagens da Bíblia: no Sl 41 e em Jl 1,20. Neste segundo texto designa a atitude dos animais do campo que em tempos de fome e sede “clamam ao Senhor por estarem secos os córregos”. Trata-se, pois, de um desejo veementíssimo, que toca as fronteiras da vida e da morte.

A imagem do cervo sempre foi cara aos cristãos, em parte porque já a exegese rabínica a explorara e enriquecera de pormenores pitorescos. Entre outros particulares, os judeus mencionavam a hostilidade do cervo para com a serpente. Santo Agostinho (†430) repete este traço, referindo que o veado mata as serpentes; depois de as matar, porém, sente-se tomado por forte sede e corre ligeiro aos mananciais de água. Algo de semelhante, continua o santo Doutor, se dá com o cristão no plano sobrenatural: “as serpentes são os teus vícios; extingue as serpentes da iniquidade, e mais ardentemente desejarás a fonte da verdade” (7). — Além disto, contava-se outrora que, quando os cervos emigravam de uma região para outra, faziam-no sustentando-se mutuamente: com efeito, um precedia, sobre o qual alguns pousavam o péso de sua cabeça; após estes, seguiam-se outros, também de cabeça reclinada sobre os anteriores; uma quarta linha lhes sucedia em semelhante posição; e assim por diante, até se terminar o rebanho; quando, porém, o cervo da frente se sentia cansado, passava para trás, onde repousava a cabeça, enquanto outro carregava o que ele carregara; destarte o rodizio se prosseguia até o termo de chegada. O Doutor de Hipona se aproveita desta historieta, com o que ela tem de imaginário, para lembrar que também os cristãos devem percorrer a sua peregrinação terrestre carregando o fardo uns dos outros (cf. Gál 6,2) (8).

Ademais o cervo sedento, desde os inícios do Cristianismo até hoje, representa na arquitetura dos batistérios e na Liturgia do sábado santo o catécumeno sequioso das águas do batismo, águas que comunicam a vida eterna; na Igreja dos primeiros séculos cantava-se o Sl 41, quando em procissão solene se levavam ao batistério os que nele haviam de renascer (9).

Algumas traduções antigas, como a grega de Aquila (do início do séc. II d.C.) e a latina de São Jerônimo (séc. V), oferecem a seguinte variação do v. 2:

(6) A tradução do Sl 41 aqui apresentada desvia-se um pouco da Vulgata latina a fim de seguir a forma mais provável do texto massorético ou hebraico.

(7) *Enarratio* in Ps 41,3.

(8) *Ibd.*, 4.

(9) *Ibd.*, 1.

“Como a terra preparada para ser regada pela água, assim está minha alma preparada para Ti, ó Deus”. — Sicut areola praeparata ad irrigationes aquarum, sic anima mea praeparata ad te, Deus”.

A mudança se explica por troca de palavras hebraicas semelhantes entre si (por exemplo, ‘arak, preparar, dispor, entrou em lugar de ‘aragh, clamar, suspirar). Esta imagem da terra seca e sedenta, exprimindo não menos vivamente a mesma idéia que a anterior, parece ter sido igualmente familiar à piedade judaica; haja vista a bela passagem do Sl 62,2:

“Minha alma tem sede de Ti;
 Por Ti se consome a minha carne,
 Semelhante a terra ressequida
 E lânguida por falta de água!” (10).

O Senhor Deus, nesses trechos metafóricos, é comparado à água viva ou corrente. “Ser vivo” era, sim, o predicado com que os israelitas comumente caracterizavam o verdadeiro Deus, opondo-O aos ídolos, que tinham todo o aspecto de viventes (cabeça com olhos, ouvidos, nariz; tronco com mãos e pés), mas, “por ironia da sorte”, não viam nem ouviam nem caminhavam... E’ essencial à alma cristã desejar a posse cada vez mais íntima do Deus Vivo ou da Vida de Deus, posse que se inicia no batismo e desabrocha na visão do céu. Digne-se o Senhor preservar os seus fiéis de se darem por satisfeitos com a miséria da vida presente (satisfação esta paradoxal, mas não rara!). Não queira o cristão saciar a sua sede mediante outro bem que não o próprio Deus; peça, antes, ao Altíssimo que se torne cada vez mais consciente de que êle só possui germens e sombras, quando é chamado a desfrutar a plenitude. Esta santa insatisfação é autenticamente cristã; caracterizou os Santos, dos quais São João da Cruz (†1591) se fez expressivo arauto:

“Vivo sem viver em mim,
 E tal é a minha esperança
 Que morro de não morrer,

 Esta vida de que vivo
 E’ privação de vida,
 E’, antes, morte contínua
 Até que eu viva contigo.
 Escuta, ó meu Deus, o que digo:
 Esta vida, não a quero,
 Pois morro de não morrer” (11).

3. “Minha alma tem sede de Deus, do Deus vivo;
 Quando irei e tornarei a ver a face de Deus?”

(10) Cf. também Sl 142,6.

(11) Pocsia IV, prol. e 2.

São Bernardo (†1153) retoma a imagem do Sl 41,2 sob a forma de paráfrase poética:

“Ut iucundas — cervus undas — Aestuans desiderat.
 Sic ad Deum — Fontem vivum — Mens fidelis properat.
 Sicut rivi — Fontes vivi — Praebent refrigerium
 Ita menti — Sitienti — Deus est remedium”.

(De laud. Virg. 1)

“COMO A CORÇA DESEJA A ÁGUA VIVA...”

Movido por intenso anelo, o salmista deseja voltar ao santuário de Jerusalém, donde foi exilado. Inegavelmente Deus está presente em toda a parte, mesmo na terra do degraço dos seus fiéis, como Ele próprio anuncia pelo profeta Jeremias:

**“Um homem poderia ocultar-se em esconderijos
Sem que Eu o visse — oráculo do Senhor?
Será que, o céu e a terra,
Eu não os encho — oráculo do Senhor?”**

(Jer 23,24)

Não obstante, desde os inícios da história sagrada, o Senhor quis ligar sua presença e ação a determinados lugares: os santuários (12). Estes, já no Antigo Testamento e muito mais no Novo, sequestrados ao uso profano e dedicados exclusivamente ao culto divino, são como que mansões “extra-territoriais”, terrenos de embaixada do Reino dos Céus nesta terra, que ainda se acha sujeita à influência de Satanás, “o Príncipe deste mundo” (cf. Jo 12,31; 16,11); a visita devota de tais “embaixadas” ou santuários é um sacramental, que proporciona aos fiéis as graças de um encontro mais desimpedido e frutuoso com o Senhor Deus (13).

“Ver a Face de Deus”. Nas épocas mais recuadas da sua história, os israelitas tinham por certo que somente os ídolos podiam ser objeto de visão; o verdadeiro Deus lembrara somente a Moisés que nenhum mortal seria capaz de sustentar a visão do Altíssimo sem morrer: “Não poderás ver a minha face, pois o homem não Me pode ver e ainda permanecer em vida” (Êx 33,20). Não obstante, o salmista, inspirado por seu fervor, exprime o desejo de ver a Deus; a sua fé talvez lhe sugerisse que o anelo não seria vão... Com efeito, na plenitude dos tempos Cristo anunciou aos homens que os corações puros são chamados a ver o Pai (cf. Mt 5,8).

4. “Minhas lágrimas se me tornaram alimento de dia e de noite, Enquanto sem tréguas me repetem os ímpios: ‘Onde está o teu Deus?’”

“Tomar as lágrimas como alimento”, eis outra imagem poética usual na Escritura Sagrada para designar o luto profundo e continuado; cf. Sl 79,6; 101, 10; Jó 3,24 (14).

Ao vê-lo banido da Terra Santa, os pagãos com os quais convive o salmista, lhe lançam uma pergunta irônica, que equivale a dizer: “Teu Deus te abandonou, embora muito fiel Lhe tenhas sido” (15).

(12) Cf. Gên 12,7s; 28, 16-19; Êx 20,24; Jz 2,5; 6,25-28; 13,16-21.

(13) São Tomás (†1274) inculca o valor peculiar da oração realizada na Casa do Senhor:

“A bênção do bispo, a aspersão com água benta, qualquer unção sacramental, a oração em igreja dedicada... contribuem para a remissão dos pecados veniais” (Suma Teologia III 87,3c).

(14) A metáfora se encontra também em salmos penitenciais dos antigos babilônios:

“(Alimento, não o tomei); o pranto se tornou meu pão;

(Água, não a bebi); as lágrimas se fizeram a minha bebida”

(texto citado por G. Castellino, *Libro dei Salmi*, Torino 1955,128).

(15) Tal invectiva não é rara nos textos bíblicos; cf. Sl 70,11; 78, 10, 113,10; Jl 2,17; Miq 7,10.

“Onde está Deus?... E’ impossível que exista!”. As situações que provocam tais clamores se repetem na vida dos homens de todos os tempos. Sim; o Altíssimo tem seus “silêncios”, que não raro desconcertam a criatura, pois contradizem a tôdas as expectativas. Na verdade, quando o Todo-Poderoso silencia sôbre as injustiças e opressões, Ele não faz senão pacientar; permite que os iníquos realizem seus planos, porque sabe que a experiência do mal pode ser ocasião de volta mais consciente ao Pai do céu (note-se a atitude do filho pródigo na parábola de Lc 15,17-20). Com relação à Providência Divina, o cristão tem certeza apenas de que Ela não se engana; escreve sempre direito, embora às vêzes proceda por linhas que aos homens parecem tortas; uma vez terminada a história, patentear-se-á o plano da Sabedoria Divina; entretentes “meu justo vive da fé”, inculca o Espírito Santo (16). As ocasiões de cairmos em perplexidade nas nossas relações com Deus são algo de normal desde que nos destinemos à santidade; cedo ou tarde o justo que procura a Deus é colocado em contingências tais que seu bom senso meramente humano o levaria a dizer: “Não entendo mais nada... Deus se arredou de mim! Não têm razão os que me perguntam: ‘Onde está o teu Deus?’”.

Longe, porém, de se angustiar com tal experiência, lembre-se então o fiel das sábias palavras de São João da Cruz:

“Nunca procureis contentar-vos por aquilo que compreendeis de Deus; regozijai-vos, antes, por aquilo que n’Ele não compreendeis. Nunca ponhais vossa felicidade ou vossas delícias no que podeis ouvir ou experimentar d’Ele, mas, antes, no que não podeis nem experimentar nem ouvir. E’ isto própria-mente que significa procurá-Lo pela fé. Deus é sempre oculto e inacessível, e deveis continuar a servi-Lo assim oculto no sêgrêdo, mesmo quando julgardes encontrá-Lo, experimentá-Lo... Quanto menos compreendemos, tanto mais nos aproximamos d’Ele” (17).

5. **“Minha alma chora sôbre a minha sorte, desde que me recordo
Do tempo em que me adiantava em meio à multidão,
Guiando-a até a Casa de Deus,
Entre os brados de louvor e alegria do povo festivo”.**

Hostilizado pelos maus, o levita, com mais carinho ainda, se recorda das solenidades (Páscoa, Pentecostes, festa dos Tabernáculos) em que desempenhava suas funções, dirigindo os fiéis peregrinos em procissão solene para o Templo de Jerusalém. Vibrava então de entusiasmo sagrado, com o seu povo. O contraste com a situação presente faz que “sua alma se derrame em seu seio”, conforme a bela metáfora do texto hebraico, ou seja, que o ânimo lhe desfaleça, minado pela tristeza.

Estrilho.

6. **“Mas porque te entristeces, ó minha alma?
E te perturbas em meu íntimo?
Tem confiança em Deus, pois ainda O hei de louvar,
A Ele, meu Salvador e meu Deus”.**

O versículo 6, à guisa de estrilho, dá o tom dominante a todo o cântico. Não é o abatimento expresso no v. 5 que prevalece na alma do autor

(16) Cf. Hebr 10,38; Rom 1,17; Gál 3,11.

(17) Cântico Espiritual, Canto B, comentário da estrofe I.

“COMO A CORÇA DESEJA A ÁGUA VIVA...”

sagrado. Quase repentinamente êste recupera coragem e afirma decididamente a sua confiança no Senhor.

O justo experimenta, sem dúvida, a tendência da natureza a fraquejar; é de argila, como os demais homens; êle não o oculta, como o faria talvez o estoico pagão. Contudo o seu supremo princípio de vida é sobrenatural; por isto, inspirado pela fé, êle espera contra tôda esperança (cf. o exemplo de Abraão em Rom 4,18-21) e vence quando parece destinado à ruína (vejam-se os dizeres de São Paulo em 2 Cor 4,8s).

Foi o que se deu por excelência com a santíssima humanidade de Cristo: apraz verificar que Jesus nas proximidades de sua Paixão usou de expressões equivalentes às do v. 6a: “Minha alma está triste a ponto de tocar a morte” (Mt 26,38); “Agora minha alma está perturbada” (Jo 12,27). Jesus quis, pois, conhecer as angústias espontâneas de todo homem, não, porém, com o mero fito de as experimentar: Êle as atravessou com o ânimo cheio de amor ao Pai e ódio ao pecado, a fim de as santificar e divinizar; donde as palavras heróicas, palavras do Homem perfeito, acrescentadas aos clamores muito humanos, muito “nossos”, que acima liamos: “Contudo, Pai, faça-se não a minha vontade, mas a Tua!” (Mt 26,39). “Que direi? Pai, salva-me desta hora? Mas foi para isto que vim a esta hora. — Pai, glorifica o teu nome!” (Jo 12,27s).

Se já o salmista, usufruindo (de maneira pálida ou segundo a dispensação de graças do Antigo Testamento) dos benefícios da Redenção, podia reerguer-se da tristeza, muito mais o cristão, enxertado em Cristo, está habilitado a vencer o abatimento. Embora experimente os assaltos do desânimo, não permite que êste se torne a expressão definitiva da sua alma; desde que a tristeza foi remida por Cristo, o cristão sabe que ela é passagem para a alegria.

Santa Catarina de Sena (†1380), em um dos seus Diálogos, atribui a Deus Pai a seguinte comparação:

“Um recipiente vazio ressoa quando o percutem; o mesmo, porém, não se verifica, desde que esteja cheio. Assim, quando a memória está cheia da luz, da compreensão e dos afetos do amor, ela poderá ser sacudida pelas tribulações e os prazeres do mundo, mas a alma não fará ouvir nem clamores de alegria nem brados de impaciência, porque estará cheia de Mim, que sou o Bem verdadeiro.” (18).

Por conseguinte, quanto mais o cristão permite que Deus nele viva, tanto mais se torna superior aos altos e baixos da vida presente.

II. Ardente efusão da alma: 7-11.

Como as ondas de forte maré, assim os sentimentos da alma humana atingida no seu íntimo, costumam suceder-se, renitentes e contraditórios, até que prevaleça uma só atitude. E' o que a segunda estrofe do Sl 41 nos dá a ver: após o brado de confiança do v. 6, o hagiógrafo faz ouvir ecos da inquietude anterior. A perturbação parece tanto mais justificada quanto mais valioso é o objeto pôsto em causa: o salmista tem, sim, consciência de que é o nome de Deus que vai sofrendo blasfêmias, sem que o Senhor se digne punir os ímpios..

Novamente acometido pela aflição, resolve expor diretamente ao Todo-Poderoso o que lhe vai na alma, sabendo que tal é a melhor via para obter misericórdia e paz: “Confia ao Senhor a tua solicitude, e Êle te sustentará.

(18) Cf. Trad. R.P. Hurtaud o.p., 1913 — “Diálogo de Santa Catarina de Sena” — “Dom de conformidade com o Cristo”, cap. XXIV, p. 186.

Não deixará o justo a vacilar perpétuamente”, admoesta o Espírito Santo no Sl 54,23.

7. **“Minha alma está acobrunhada; por isso me recorde de Ti
Dos confins da terra do Jordão, à sombra do Hermon e do monte
Mí’sar”.**

A expressão inicial “Minha alma está acobrunhada” estabelece ligação com o v. 5.

Para mitigar a sua tristeza, o salmista levanta o pensamento ao Senhor. Em vez, porém, de ver em tórno a si a montanha santa de Sion (sede do Templo) e as construções da Cidade de Deus, desvenda paisagem bem diferente: acha-se nos confins da terra do Jordão, ou seja, junto às nascentes dêste rio, na região de Dã, em localidade que no limiar da era cristã era chamada Cesaréia de Filipe, atualmente Banias; nas proximidades se encontram a colina de Se’ora, que hoje em dia parece corresponder à de Mis’ar, assim como os três cumes do monte Hermon, os **Hermoniim** (em hebraico), dispostos como os ângulos de um triângulo, à distância de aproximadamente um quilômetro e meio um do outro.

8. **“Como uma catadupa chama outra ao fragor das tuas cataratas,
Assim as tuas ondas e torrentes passam incessantemente sôbre
a minha cabeça”.**

A natureza mesma inspirava ao hagiógrafo a imagem do seu estado de alma.

Nas paragens mencionadas, por ocasião do degêlo e das chuvas, as águas se precipitam através de gargantas profundas, formando catadupas e cataratas rumorosas, que se parecem evocar mútuamente. Este cenário sinistro contrastava profundamente com o que lhe oferecia a Cidade Santa, onde as águas de Siloé corriam silenciosas, como que impregnadas de mistério (cf. Is 8,6); o novo ambiente simbolizava o que o autor experimentava em seu íntimo: sofrimento sôbre sofrimento o acometia ininterruptamente, dando-lhe a impressão de o submergir. E’, sim, freqüente na Sagrada Escritura a metáfora das grandes águas, das massas de água, a simbolizar as tribulações (cf. Jon 2,4; Sl 31,6; 68,3; 87,8).

O texto da Vulgata latina *abyssus abyssum invocat* tornou-se caro aos autores de espiritualidade, os quais o aproveitam para lembrar que o abismo da miséria humana por si é capaz de atrair o abismo da Misericórdia Divina; não há debilidade nem queda da criatura para a qual a Bondade do Criador não tenha o remédio adequado. Para conseguir o dom inefável, “abismal”, não é necessário que a alma tenha méritos prévios, mas basta (e isto é imprescindível) que clame das profundezas do seu abismo, isto é, reconhecendo sinceramente o seu nada, renunciando a todo amor desregrado de si; é sôbre o zero da criatura que a graça de Deus quer construir o edifício sobrenatural; quanto mais profundo, abismal, fôr o alicerce, tanto mais elevada poderá ser a construção (tenham-se em vista os casos de Santo Agostinho e dos demais grandes convertidos).

9. **“De dia gemo. ‘Envie-me o Senhor a sua graça!’,
E de noite não me deixa o lamento
Nem a prece ao Deus de minha vida”.**

O texto original é obscuro, prestando-se a diversas interpretações.

Há quem ponha os verbos no pretérito e julgue que o salmista se recorda das suas piedosas alegrias outrora experimentadas no Templo, opon-

“COMO A CORÇA DESEJA A ÁGUA VIVA...”

do-as aos males da situação presente: mencionaria, pois, os atos de culto, as orações e os sacrifícios celebrados a horas regulares do dia e da noite no santuário de Jerusalém (cf. Êx 29,38-42; Núm 28,3-8). O v. 9 teria então o significado seguinte: “Isto tudo se dá, ao passo que outrora o Senhor durante o dia me enviava a sua misericórdia, e de noite eu repetia os seus cânticos: a oração a meu Deus vivo” (19).

O texto, porém, não apresenta suficiente base para tal exagero; parece pedir interpretação mais simples. O salmista refere a atitude que êle toma de dia e de noite na sua aflição; tendo afirmado no v. 4 que as lágrimas lhe servem de alimento contínuo, acrescenta agora que incessantemente se volta para o Senhor rogando-Lhe misericórdia. Esta atitude tem o valor de lição perene; Santo Hilário (†367) adverte que, embora não possamos sempre perscrutar por que somos entregues a tais e tais provações, uma coisa será sempre certa: o amor está na origem de todas as vias do Senhor; já que nunca abandona os homens, será sempre sábio, (e jamais vão) recorrer ao Altíssimo e implorar-Lhe auxílio nas horas amargas:

“Lembre-se o cristão de que, em meio a esta noite (da vida presente), não deixa de se manifestar a poderosa misericórdia de Deus... Embora não entendamos o motivo dos desígnios de Deus nem a razão por que nos submette a certas tentações, é preciso que não percamos ânimo, mas, ao contrário, imploremos a sua misericórdia” (20).

Conseqüentemente, formula-se a prece explícita do hagiógrafo:

10. “Digo, pois, a Deus, meu Rochedo: ‘Porque me esqueces?’ Porque ando abatido sob a pressão dos inimigos?’”.

A figura “Deus, Rochedo de Israel ou do justo” era habitual aos israelitas, a quem recordava os feitos gloriosos do êxodo e as promessas messiânicas (21).

A interrogação “Porque me esqueces?”, no caso presente, é a manifestação espontânea da alma que, sob os golpes da adversidade, tem a impressão de estar realmente abandonada. O próprio Salvador pregado à cruz experimentou em sua santíssima humanidade semelhante desolação, que Êle não se desdenhou de exprimir: “Meu Deus, meu Deus, porque me abandonaste?” (Mt 27,46). Não há dúvida, foi soberana e generosamente que Jesus quis, como verdadeiro irmão nosso, experimentar tal impressão de abandono; queria assistir-nos, uma vez por todas, em nossos desfalecimentos. Seja, pois, com semelhante generosidade que vamos ao encontro de nossas “noites” escuras; o abandono é aparente apenas... Na verdade é quando Deus não envia o sofrimento que o cristão pode ousar perguntar ao Senhor se Êle não o esqueceu; com efeito, sabe-se que, quanto mais Deus destina uma alma à santidade, tanto mais também lhe manda a cruz: sem esta e sem a impressão de abandono que ela acarreta, não há purificação interior. Donde a declaração solene do Filho do Homem no Apocalipse: “Aquêles a quem amo, Eu os repreendo e castigo” (3,19).

(19) Cf. H. Renard, ‘Les Psaumes’ em *La Saint Bible* de Pirot-Clamer V, Paris 1950, 257.

(20) “Meminerit quia semper in hanc noctem manifestatur misericordia Dei potens... Esti causam indiciorum Dei non intelligamus, quare nos in aliquibus tentationibus relinquat, deficere tamen nos non oportet, quin ab ipso misericordiam peprecemur” (In h. 1.).

(21) Cf. a explanação do Sl 94 na “Revista Gregoriana” 22 (1957) 22.

11. "Quebram-se-me os ossos, enquanto os adversários me insultam,
Dizendo sem cessar: Onde está o teu Deus?"

O escárnio dos adversários produz sobre o hagiógrafo o efeito de verdadeiras chibatadas, que parecem descorajuntar-lhes os ossos. Propõem-lhe o grande escândalo: os que não observam a Lei de Deus, são mais prósperos na sua vida temporal do que o piedoso levita exilado: porque então se obstinar a esperar no Deus que se retraiu?

O paradoxo dos maus que prosperam e dos bons que padecem, acompanha a história inteira do género humano. Houve justos que em situação semelhante à do salmista se deixaram levar a um autêntico requisitório perante o Senhor Deus. Tal foi o caso, por exemplo, do profeta Jeremias, que assim interpelava o Senhor:

"Tens o direito em teu favor, Senhor.
Desde que eu pretenda entrar em disputa contigo,
Quisera, porém, debater contigo um único ponto de justiça:
Porque é próspera a sorte dos maus?
Porque é que todos os pérfidos gozam de paz?
Tu os plantas e lançam raízes,
Crescem e dão fruto...
Não obstante, eles têm o coração longe de Ti,
Próximos de Ti apenas os seus lábios".

(Jer 12,1s).

Muito delicada, e não menos audaz, é esta intimação do profeta.
E que responde o Senhor Deus? — Resposta desconcertante:

"Se, ao correr juntamente com os pedestres, tu te cansas,
Como hás de lutar com os que montam a cavalo?
Se te é necessária uma terra de paz para teres confiança,
Que farás contra os leões do Jordão?"

(Jer 12,5)

O Senhor, em vez de afagar em sentido humano (resposta esta que não engrandeceria a ninguém), tende a dilatar e fortalecer o seu fiel: saiba que ainda é pouco (é concurso com pedestres) o que já lhe parece insupportável; prepare-se para maior certame, para concorrer com cavalos e cavaleiros, ou seja, para mais intensas purificações. A resposta divina pode parecer cruel; ela o seria se o Altíssimo não distribuisse também a graça correspondente às tribulações. Esta, porém, não falta em caso nenhum; o justo nunca é tentado acima de suas forças; os males só acometem para se tornarem, por dom de Deus, fonte de maiores bens.

O salmista não se deixou ir tão longe quanto o profeta: em vez de proceder a um requisitório, retomou sem delongas o seu estribilho de confiança. Ao cristão, que conhece a resposta dada pelo Senhor Deus a Jeremias e também a Cristo na sua Paixão, já não interessa debater com a Providência Divina os "porquês" das sortes humanas na terra; a última palavra de cada requisitório está de ante-mão indicada: entrega confiante e generosa às infalíveis disposições da Sabedoria Divina. Nada há de mais salutar do que este fechar de olhos humanos; per ele se aguça o olhar da fé.

E' o que justifica a conclusão:

12. "(Mas) porque te entristeces, ó minha alma,
E te perturbas em meu íntimo?
Tem confiança em Deus, pois ainda O hei de louvar,
A Ele, meu Salvador e meu Deus".

“COMO A CORÇA DESEJA A ÁGUA VIVA...”

Estas palavras encerrando o salmo 41, exprimem, ao mesmo tempo, a atitude constante da alma cristã que no mundo vive sequiosa do encontro face a face... E' Santo Agostinho quem explana um traço particular que tal atitude implica:

“Na Casa de Deus, a festividade é eterna. Lá nada se celebra de transitório. Há festa sempiterna, garantida pelo côro dos anjos; há alegria sem deficiência, que emana da presença desvendada de Deus... Daquela eterna e contínua festividade ressoa algo de harmonioso e suave aos ouvidos do coração, **contanto, porém, que o mundo não faça ruído.** A todo homem que peregrina neste corpo considerando as maravilhas realizadas por Deus para a redenção dos fiéis, o som daquela festividade atrai o ouvido, arrebatando o cervo para as fontes da água viva” (22).

Contanto

que se vá

amortecendo

o ruído

do mundo...



(22) “In domo Dei festivitas sempiterna est. Non enim aliquid ibi celebratur et transit. Festum sempiternum, chorus Angelorum; vultus praensens Dei. laetitia sine defectu. Dies hic festus ita est, ut nec aperiatur initio, nec fine claudatur. De illa aeterna et perpetua festivitate sonat nescio quid canorum et dulce auribus cordis; sed si non perstrepat mundus. Ambulanti in hoc tabernaculo et miracula Dei in redemptionem fidelium consideranti, mulcet aurem sonus festivitatis illius, et rapit cervum ad fontes aquarum” (Enarr. in Ps 41, 9).

A IGREJA ETERNA de DEUS e do CRISTO

O cristão, segundo São Paulo, é o homem que despojou-se do pecado e revestiu-se da Justiça de Deus no Cristo, pela participação no seu mistério de Morte-Ressurreição. E' o homem revestido de Espírito e que retoma a marcha numa renovação de vida, submisso a Deus, liberto do pecado e da morte: é o homem novo: "Se alguém, pois fôr de Cristo, é uma nova creatura" (2 Cor., 5,17).

Este cristão individual faz parte, entretanto, de um povo de santos: a misericórdia e a eterna predestinação do Deus vivo atigem-no, sem dúvida, pessoalmente, como parte, porém, tomada do interior de um grande povo que se perpetua, chamado todo êle à participação na herança divina. O homem novo é todo êste povo santo escolhido por Deus desde antes da bemaventurada criação (cf. Ef., 2,15). E todo êste povo só foi êle próprio predestinado Naquêle que havia sido desejado e amado mesmo antes de tóda e qualquer creatura, o homem Cristo-Jesus, no qual se realiza a aliança definitiva entre Deus e os homens.

E' Nêle que, desde tóda a eternidade, aprouve a Deus, para sua glória, reunir como em uma grande família, tanto os espíritos celestes como as criaturas terrestres, todos filhos adotivos do mesmo Pai.

E' êste o Mistério da Igreja eterna de Deus e do Cristo, o Mistério por excelência, longamente oculto em Deus, para ser afinal revelado e realizado no tempo. E' "a Igreja a criação primeira, antes de tudo o mais e é para ela que o mundo foi feito". (1)

AS EXPRESSÕES BÍBLICAS DO MISTÉRIO DA IGREJA ETERNA

No Antigo Testamento,

Como definir o mistério desta união da humanidade, no seu conjunto, com o Deus vivo? Em que consiste a finalidade da criação terrestre?

As diversas metáforas usadas pela Sagrada Escritura podem, completando-se e por vèzes conrrigindo-se, apresentar à nossa fé uma percepção realista desta maravilhosa nova criação da livre deliberação divina. Só

(1) Hermas, Pasteur. vis, 2, cap. 4, n.º I.

mesmo sendo Deus ou pelo menos estando de posse da visão beatífica para compreender, ao mesmo tempo, quanto é profunda a intimidade. Inexgotável de amor da presença e da ação divinas na sua Igreja e quanto, apesar dêste dom Dele próprio à sua criatura, Deus conserva-se sempre Deus — le tout-autre.

Já no Antigo Testamento chamara Deus a Israel de povo santo, povo escolhido, herança de Jahvé.

A aliança do Sinai, codificação das alianças parciais que a precederam, e símbolo da esperada aliança messiânica, domina tóda a história do povo eleito. O Reino teocrático não é mais do que o resultado da Aliança mosaica e um novo Reino faz-se prever para o tempo da Aliança messiânica (Dan., 7).

A versão grega da Bíblia fala freqüentemente da Igreja de Deus ao trazer a fórmula hebraica "Qahal Jahvé", assim designando o conagraçamento religioso, sob convocação, do povo escolhido, do qual aquêle reunido em tórno de Moisés, no Deserto, marcára a origem: o povo, o reino, a Igreja, são uma só e mesma coisa.

A realidade expressa por estas diversas imagens torna-se, sem dúvida, para Israel, motivo de muitas esperanças racistas e temporais; a distinção entre o carnal e o espiritual não está ainda claramente definida, máu grado o esforço dos profetas para relembrar o alcance religioso da Aliança e das promessas divinas. Os desígnios de Deus definir-se-ão mais nitidamente em sua pureza religiosa e em sua universalidade quando estiverem os homens mais preparados para entendê-los; mas desde então manifesta-se o eterno propósito divino de chamar a Si tóda a raça de Adão.

Israel é a Igreja antes da Igreja; é a profecia terrestre da Igreja eterna.

No Novo Testamento.

As metáforas eclesiais do Novo Testamento assinalam, aliás, a continuidade entre as duas alianças.

Em primeiro lugar as metáforas sociológicas da Igreja, do povo e do Reino. A Igreja de Deus (Atos 20,28; I Cor., I, 2; 15,9; Gal., I, 13; 2 Thes., 2, 14; 2 Thes., I,4) designa, ora, a comunidade local, ora, a comunidade universal dos eleitos de Deus no Cristo: a etimologia da palavra igreja denota a iniciativa de Deus na escolha e na reunião dos chamados ao seu reino. Os cristãos constituem o Israel do Senhor (Gal., 6,16), a raça eleita, a nação osanta, o povo conquistado por Deus I Ped., 2,9-10) numa nova e eterna aliança (I Cor., 2, 25; Cor. 3,6).

Quanto ao Reino, transformou-se no reinado todo espiritual do Cristo e de Deus (Ef., 5,5) no qual, segundo a profecia da realeza: um reino de santidade, já iniciado na terra e entretanto ainda esperado, do qual é Cristo o instaurador.

Havia o Antigo Testamento colocado nas palavras dirigidas por Jahvé a seu povo imagens de construção: Deus é o arquiteto e o construtor de Israel (Jerem., 21,4; Ex., 40,47). "Vós sois. diz por sua vez S. Paulo aos Coríntios, o campo de Deus, o edifício de Deus" (I Cor., 3,9): edifício de Deus porque Deus o construiu e aí estabeleceu sua morada; Templo construído de pedras vivas (I Ped., 2,5), os fiéis, nos quais habita o Espírito Santo (I Cor., 6,19) e do qual é o Cristo ao mesmo tempo pedra de ângulo e fundação: "E' no Cristo que se baseia e cresce tóda a construção para formar um templo santo no Senhor; é Nêle que vós igualmente vos elevareis para formar pelo Espírito, a morada de Deus." (Ef., 2,21-22: Cf. I Cor., 3,II).

Mais claramente ainda, a metáfora de Espôsa, aplicada à Igreja, assinala que a adoção do povo é uma obra da livre escolha do amor que a glória

A I G R E J A E T E R N A

é apenas o clarão da fecundidade criadora do amor divino sobre ela; manifesta a intimidade de Deus e do Cristo com o seu povo.

Já o Antigo Testamento cantara a união de Israel a Deus como união conjugal: "Serei teu noivo para sempre", disse Deus ao seu povo (Os., 2,21).

E os profetas não se cansam de exprobar a Israel sua infidelidade e adultérios (Cf. Os., 1; Ex., 16 ;Jer., 3). Em S. Paulo (Ef., 5,23-32) é do Cristo e não de Deus que é chamada de Espôsa a Igreja; o Cristo amou-a e santificou-a como deve um espôso amar e zelar pela sua espôsa; é igualmente seu Chefe, como o deve ser o espôso da espôsa. Da mesma forma, o Apocalipse 21,9-10, chama a Igreja de Espôsa do Cordeiro.

E' a Igreja apresentada sob a imagem de Vinha por S. João (Jo. 15, 1, 15. Cf. Paulo, I Cor., 3,6-9). Antes d'ele já o fizera Isaías: "A Vinha do Senhor dos Exércitos é a casa de Israel", uma vinha armada, cultivada com carinho e fertilizada (Is, 5, 1-2). S. João acrescenta ainda a alegoria do tronco e dos ramos: alimenta-os a mesma seiva símbolo da unidade que deve estabedecer-se entre Cristo e seus fiéis.

E' pela união interior que se cria a comunidade do povo de Deus, uma comunidade de vida: a metáfora da vinha explica claramente esta interioridade espiritual, como o fará igualmente a analogia do corpo humano, tão importante na teologia de S. Paulo.



A Igreja reza, a Igreja canta, o Espírito Santo opera. resta-nos sermos maleáveis, dóceis, et erunt docibiles Dei.

DEDICAÇÃO

DE tôdas as cerimônias litúrgicas relatadas pela Bíblia, a mais impressionante é sem dúvida a Dedicção do Templo de Jerusalém pelo rei Salomão (I Reg., VIII; II Chron. V-VII). Todo Israel se havia reunido na cidade santa; "grande multidão desde a entrada de Emath até à torrente do Egito"; a funcão litúrgica teve dupla oitava e durou catorze dias; imolaram-se 22.000 bois e 120.000 ovelhas! Havia tantas vítimas que o altar não bastava para consumi-las. Também, "nesse dia, o rei consagrou o átrio que está diante da casa de Yahveh": a santidade do altar estendia-se por todos os pátios do Templo, e em qualquer lugar podia-se oferecer um sacrificio agradável a Deus.

E Deus tomou posse dessa magnífica morada.

Transportando a arca da aliança os sacerdotes entraram no recinto mais sagrado do Templo. Depuseram-na no Santo dos Santos, e em seguida se retiraram num gesto de adoração e temor reverencial. Ora, "no instante em que os sacerdotes deixaram o lugar sagrado, uma nuvem encheu a casa de Yahveh"! Nuvem misteriosa que exprimia a inefável presença do próprio Deus.

Talvez no seio do povo se esperassem sinais mais grandiosos: os prodígios do Sinai, ou ao menos o fogo do céu que viesse com estrépito acender o altar e consumir os primeiros holocaustos; ou ainda uma voz do alto, manifestando a complacência do Senhor para com seu Templo! Mas a resposta de Deus foi simplesmente uma nuvem, tão densa, tão escura, que os sacerdotes tiveram de abandonar momentaneamente o Templo, não lhes sendo possível exercer o ministério. E foi como se uma noite silenciosa se estendesse e envolvesse o novo santuário.

O rei Salomão, o sábio, não tardou em compreender o significado desse austero símbolo: "Yahveh, diz êle, quer habitar nas trevas!". Palavra profunda, que nenhum pagão poderia dizer de seus deuses, os quais na sua totalidade se manifestavam em ídolos visíveis e palpáveis; palavra que todos os que vivem da fé, todos os justos meditarão diante de Deus até o fim dos tempos. O verdadeiro Deus é invisível neste mundo; voluntariamente, oculta-se a seus fiéis: mas faz ao mesmo tempo nascer em seus corações esta convicção, esta garantia invencível, de que êle está presente, escuta, ama, atende às preces. E Salomão exclama: "Construí êste templo que é vossa morada, um

lugar em que habitareis eternamente". E pondo-se diante do altar, voltado para o povo, sôbre um alto estrado, tombou de joelhos, estendeu os braços e pronunciou esta extraordinária oração, tão cristã que o autor da Imitação nela encontrou uma de suas mais belas páginas: "Senhor Deus de Israel, não há Deus semelhante a ti, nem no mais alto céu, nem abaixo sôbre a terra; tu conservas a aliança e a misericórdia para os teus servos, que caminham diante de ti de todo o seu coração. . . E' pois crível que Deus habite verdadeiramente sôbre a terra? Porque se o céu e os céus dos céus te não podem conter, quanto menos esta casa, que eu edifiquei? Mas atende, Senhor Deus meu, à oração do teu servo; ouve o hino e a oração que teu servo faz hoje em tua presença. Os teus olhos estejam abertos de noite e de dia sôbre esta casa, da qual disseste: O meu nome estará nela. Ouve a oração que teu servo te oferece neste lugar. Ouve a depreciação de teu servo e do teu povo de Israel em tudo o que te pedirem neste lugar. Ouve-as do lugar da tua morada no céu, e, tendo-as ouvido, sê-lhes propício (1)".

E de aí em diante Deus invisível e presente recebeu com particular benevolência os sacrifícios e orações que seu povo lhe ofereceu em seu Templo — e foi sômente lá, nesse único lugar do mundo, que se desenvolveu em sua honra a grande oração litúrgica.

Mas ai! Se no mesmo dia da Dedicção a santidade de sua consagração se estendeu a tôdas as partes do Templo, o átrio inclusive, mais tarde a impiedade do povo fê-lo perder seu privilégio. O Templo tornou-se como uma alma invadida pelo pecado e de que Deus se retira pouco a pouco. Introduziram-se ídolos nas dependências do Templo, prestou-se-lhes um culto sacrilego, sacerdotes indignos traficavam a credulidade dos fiéis. O profeta Jeremias, enviado de Deus e falando em seu nome, não conseguiu conduzi-los à conversão: "E viestes, e vos apresentastes diante de mim nesta casa, onde o meu nome foi invocado, e dissestes: Estamos seguros! E continuastes a cometer tôdas estas abominações. Logo esta minha casa, onde foi invocado o meu nome diante de vossos olhos, não é assim que está feita um covil de ladrões?" (2)

E consumou-se a apostasia: um ídolo do ciume" (3) foi colocado diante do altar de bronze, bem no coração do Templo, uma "abominação da desolação", um ídolo que produz a solidão ao redor de si, porque expulsa a Deus. Deus com efeito teve de deixar seu Templo, o único templo que lhe era dedicado na terra, que era sua morada. Ezequiel, numa visão de inesquecível grandeza, mas também de indizível tristeza, assistiu a essa partida de Deus que lentamente, como se experimentasse uma dor e saudades infinitas, se afastou dêsse lugar onde recebera a homenagem e a oração de tantos santos, e onde agora se tornara um estranho. E o Templo vazio agora como uma alma em estado de pecado mortal, tornou-se presa do príncipe dêste mundo, de Nabucodonosor que o destruiu não deixando pedra sôbre pedra.

(1) I Reg. VIII, 23 e 27-30.

(2) Jeremias, VII, 10-11.

(3) Ezequiel, VIII-XI.

Haverá um segundo Templo, uma segunda dedicação. E a glória dêste segundo Templo será maior que a do primeiro. Quando Deus restitui sua graça a um pecador arrependido, há mais alegria no Céu que pela perseverança de noventa e nove justos! Renovar-se-á, porém, a mesma história. Esse Templo transformar-se-á numa caverna de ladrões e sua queda será irremediável.

* * *

As primeiras gerações cristãs não edificaram igrejas: a "fracção do pão" fazia-se em casas particulares, sem dúvida com o mesmo serviço e sobre a mesma mesa que serviam para a celebração da Ceia judaica. Mas o sentido da cerimônia cristã era inteiramente diferente. Não era uma simples refeição comemorativa. Era o sacrifício perfeito. A presença real exigia mais honras que o cordeiro pascal. Assim, no decurso dos séculos II e III, retiraram-se do uso profano salas e depois edifícios inteiros, para serem reservados à celebração dos santos mistérios. E, desde o fim do III século, propaga-se o costume de se consagrarem a Deus tais edifícios por uma cerimônia de Dedicção, como se pode concluir do que narra o historiador Eusébio (4).

As Dedicções mais antigas de que temos conhecimento são antes inaugurações, sem ritos particulares: é uma missa solene, acompanhada de um discurso solene. Mas no fim do IV século, constituiu-se uma liturgia apropriada: o altar é consagrado por uma cerimônia que é uma "deposição" de relíquias de mártires. Não é mais uma mesa, mas um túmulo. Toma então uma significação simbólica que se irá enriquecendo com o correr do tempo. Contém agora os membros do Cristo. Santifica e consagra a Deus tudo o que se depõe sobre êle. É o símbolo do próprio Cristo. É o testemunho da presença de Deus na Igreja.

Muito tarde, no VII século, ajuntar-se-á um rito preparatório de purificação: antes da deposição das relíquias far-se-á a purificação do altar e da própria igreja com água lustral. Assim é que até ao século IX, a Dedicção dum igreja em Roma, compreenderá estes três elementos: purificação, consagração do altar, missa solene.

Tão longa espera pode causar admiração. Tão claramente aparecem as igrejas e basilicas cristãs como a realização plena do que o Templo de Jerusalém havia figurado! É surpreendente sobretudo que o costume de nelas se conservar a Santa Reserva não se tenha difundido mais cedo. Mas é que os primeiros cristãos sabiam que os verdadeiros templos que o Senhor havia constituído sobre a terra eram os próprios batizados. Nenhuma doutrina é mais familiar a S. Paulo: "Não sabeis, escreve aos Coríntios, que scis um templo de Deus e que o Espírito de Deus habita em vós? (5)" E não é apenas a alma que é templo: nosso corpo também: "Não sabeis que vosso corpo é o templo do Espírito Santo que está em vós e que vós recebestes de Deus, e que vós não vos pertenceis mais a vós mesmos? (6) O Senhor mesmo disse de seu corpo: "Destruí este templo, e eu o reedificarei em três dias (7)".

(4) História Eclesiástica, liv. X. cap. 2.

(5) I Cor. III, 16-17.

(6) I Cor., VI, 19.

(7) Jo., II, 19.

Ora, este templo de Deus que somos nós, teve sua dedicação: o batismo. O Santo Nomes das Três divinas Pessoas foi invocado sobre nós, e nós fomos renovados, recriados, consagrados a seu serviço. Até então éramos criaturas deformes manchadas pelo pecado original, incapazes de prestar a Deus a homenagem que lhe é devida. Mas o batismo refez em nós a imagem de nosso criador: Deus se reconhece e compraz em nós, veio habitar em nós. O novo batizado, como o Templo de Jerusalém no dia de sua dedicação, é inteiramente santo, desde o átrio de seu corpo, até ao santo dos santos de sua alma. E Deus veio a êle e nêle reside sem estrépito, sem palavra, sem manifestação visível. E' o Deus escondido! Êle quer habitar a escuridão!" "Vossa vida, diz S. Paulo, está escondida com o Cristo em Deus". Nada aparece do esplendor esmagador da Santíssima Trindade, nem da doce beleza da graça. Mais ainda, tornando-se o batizado ao mesmo tempo templo vivo, adorador e adoração, sacerdote e oferenda, permanece exteriormente idêntico ao que era. Tôda a sua transformação permanece na escuridão da nuvem.

E não obstante, a dedicação do batismo assinalou-o tão profundamente, que jamais poderá perder sua marca. Quando o Templo de Jerusalém foi manchado, Deus o abandonou, e foi destruído sem que ficasse pedra sobre pedra. Mas quando, erguendo dentro de si mesmo os ídolos dos vícios, o batizado expulsa a Deus do santuário de sua alma, o santuário não será destruído. Permanecerá eternamente de pé, vazio, enegrecido, testemunha não mais da ternura e da misericórdia de Deus, mas de sua implacável justiça!

O paralelismo entre o templo de pedra e o templo de carne deveria impor-se há muito tempo à liturgia da Dedicação. E com efeito, durante a alta idade-média, vemos desenvolver-se na França primitiva, sob os Merovíngios e os primeiros Carolíngios, uma cerimônia da Dedicação das igrejas que evoca o batismo: a aspersão da água lustral, que constituía em Roma apenas um rito preparatório de purificação, tornou-se o rito essencial, particularmente expressivo, desta liturgia. A primeira idéia proveio talvez do Oriente, onde ainda hoje a consagração dum altar se faz com a água batismal e unções com o santo crisma.

No decorrer do século X fundiram-se os ritos romano e galicano (8) e essa fusão concorreu eficientemente para dar à Igreja consagrada a imagem duma alma batizada e em estado de graça. As aspersões com água lustral multiplicaram-se, no exterior e no interior; paredes e altar são unguidas com o santo crisma e marcadas com cruces indeléveis; tôdas as letras do alfabeto são escritas no solo para exprimir que tudo o que se ler, pregar, cantar na igreja virá de Deus ou será para Deus; o corpo do santo mártir depositado no sepulcro do altar manifesta a união desse templo com o templo do Corpo do Cristo. Enfim a missa solene da Dedicação faz aparecer sob as aparências do prelado consagrante e das espécies consagradas, o próprio Soberano Sacerdote, celebrando o único, perfeito e eterno Sacrifício. Depositado no tabernáculo, oculto na pequena hóstia, Deus tomou posse da igreja e a transforma em sua morada na terra: "Terribilis est locus iste! Haec est domus Dei et porta caeli!"

* * *

(8) Cf. Leroquais, *Les Pontificaux manuscrits*, t. I, introdução.

A porta do Ceu!

Porque há também um templo no céu. Melhor: há uma cidade que é tóda ela um Templo. Na Jerusalém celeste não há distinguir entre Templo consagrado e cidade profana; tudo é puro, tudo é santo, tudo é consagrado a Deus. E Deus nela se manifesta em qualquer parte: não está mais escondido: "A glória de Deus a ilumina e o Cordeiro é sua luz!" (9). E essa Jerusalém durará eternamente.

De que matéria é construída? Os próprios eleitos são suas pedras! "O vencedor, diz o Senhor, fá-lo-ei coluna no templo do meu Deus, e êle nunca sairá fora dêle, e sôbre êle escreverei o nome de Deus e o nome da cidade de meu Deus, da nova Jerusalém!" (10) Os vencedores serão, pois, as pedras dedicadas à nova Jerusalém e trazendo em si o nome de Deus. Onde será, porém, o combate e a vitória? Na terra.

A Jerusalém celeste começa na terra, chama-se Igreja. E a Igreja é também um Templo edificado de pedras vivas. S. Paulo ensinou-o magnificamente: "Pois nós somos um templo de Deus vivo, segundo o que Deus disse: Habitarei e andarei no meio deles e serei seu Deus e êles serão meu povo (11)". E ainda: "Fostes edificados sôbre o fundamento dos apóstolos e dos profetas, sendo pedra angular o próprio Cristo Jesus. NEle se une tóda a edificação e cresce para um templo santo no Senhor (12)!"

As pedras dêsse edifício são talhadas e polidas na terra, no combate das provas, dos sofrimentos, da morte. Se fôr preciso, o Purgatório completa a preparação e dissolve as derradeiras escórias. E uma vez purificadas, gloriosas, Deus lhes dá um lugar definitivo na bem-aventurada Cidade celeste. Não há todavia três Igrejas: militante, padecente, triunfante; mas uma sômente, em três lugares e três estados distintos, como um Templo único cujas vastas construções vão da Terra ao Céu sem descontinuidade. E nesse Templo não há três sacrificios: o calvário, a Missa e o sacrifício celeste, mas o mesmo debaixo de três modos diferentes. Por isso é que há apenas uma liturgia, que agrupa ao redor do único Sacerdote, tódas as almas do templo de Deus.

Ora, êsse templo, térrestre e celeste, Igreja do tempo e Jerusalém nova, teve sua dedicação.

E ela se realiza no próprio céu! Isto poderia surpreender-nos: purificar e consagrar a Deus a morada eterna do mesmo Deus? Mas S. Paulo nos assegura que foi preciso não obstante uma cerimônia inaugural quando o céu, fechado aos homens desde a queda original, lhe foi novamente aberto, e a cidade mística começou a edificar-se.

Comparando a dedicação do templo de Salomão, imagem do templo da eternidade, com a dedicação definitiva celebrada no céu pelo Senhor, S. Paulo mostra que os sacrificios da primeira anunciavam o sacrifício que a segunda realizava. "Necessário era, pois, escrever aos Hebreus, que as figuras das realidades celestes fôssem purificadas, mas as próprias coisas celestes requerem sacrificios mais excelentes do que aquêles! (13) Foi preciso o preciosíssimo sangue de Cristo para

(9) Apoc., XXI, 22-23.

(10) Apoc., III, 12.

(11) II Cor. VI, 16.

(12) Ef., II, 20-11.

(13) Hebreus, IX, 23.

abrir e consagrar o santuário da eternidade, e sòmente penetrarão nele os que estiverem cobertos com êle. Porque não basta estar marcado com uma cruz, sinal da salvação, para ser consagrado a Deus: é preciso que a cruz seja traçada com o sangue do Cristo.

E assim se revela a grandeza da festa da Dedicção: é a consagração pelo sangue de Cristo da humanidade para dela fazer seu corpo místico, um templo vivo, adorando o Pai, sob a moção do Espírito Santo. Por isso é que o sangue derramado tem o primeiro lugar nos ritcs dessa cerimônia litúrgica. Salomão e seu povo não acharam demais imolar milhares e milhares de vítimas. Na dedicação de uma igreja, é preciso colocar no altar reliquias de mártires, de membros sangrentos do Cristo, sòbre os quais se celebra logo a Missa, memorial da morte do Senhor; e o batismo não é um banho no sangue do Cristo. no qual morremos com êle para com êle ressuscitar? E tudo o que está assim marcado do sangue divino, pertence a Deus: templo, pedras, almas, Igreja, Jerusalém celeste!

O sentido profundo da festa da Dedicção aparece então em tôda a sua plenitude: é uma festa de Todos os Santos. Mas enquanto a festa de Todos os Santos do dia primeiro de novembro glorifica apenas os eleitos do céu, a Dedicção celebra todos os santos do céu e da terra, todos os que formam a Igreja, que são pedras em vias de corte ou prontas, na canteira da terra ou já no lugar, no templo do Altíssimo. E' de modo especial a festa de todos os batizados. E' a festa de cada um de nós, na medida em que somos uma pedra viva da Igreja.

Causa admiração ver com que simplicidade e perfeição, a liturgia soube reunir nas orações do officio e da missa da Dedicção, todos os elementos de doutrina e história que constituem o mistério dessa festa, única em seu gênero, e que evoca, por assim dizer, tôdas as outras. Ela applica às igrejas cristãs o que o Antigo Testamento escreveu do Templo de Salomão, mas os textos são transparentes. A alma fiel atenta percebe sua imagem: é ela própria um Templo consagrado, onde nada deve desagradar a Deus, onde tudo deve cantar sua glória, porque Deus nela habita com complacência. Percebe ainda uma outra realidade mais elevada: a Igreja tôda inteira, terrestre e celeste, corpo do Cristo, do qual é um membro vivo.

Do intróito à comunhão, do invitatório à última antífona, a liturgia desenvolve, numa linguagem a um tempo realista e simbólica, todos os aspectos desse mundo invisível e visível, onde céu e terra estão intimamente unidos. E' sem dúvida pela festa da Dedicção que a Igreja manifesta com maior brilho seu carisma de oração! Bastará um exemplo entre tantas fórmulas maravilhosas: o hino, infelizmente desfigurado pelos "corretcres" de Urbano VIII, que, em algumas estrofes de incomparável riqueza, nos faz admirar, amar, desejar a Cidade celeste, e, ao mesmo tempo, viver nela no louvor e amor de Deus:

Urbs Jerusalem beata
 Dicta pacis visio,
 Quae construirur in caelis
 Vivis ex lapidibus,
 Et Angelis coronata
 Ut sponsata comite.

D E D I C A Ç Ã O

Jerusalém, cidade bem-aventurada
Cujo nome significa visão de paz,
Que elevais pelos céus
Vossas paredes de pedras vivas,
Tôda rodeada de Anjos,
Como uma espôsa de seu cortejo..

"PARA APROXIMAR-SE DE DEUS É PRECISO CRER."

(Hebr XI,6)





A M I S S A D A D E D I C A Ç Ã O

IDÉIA de templo desenvolvida amplamente pelos textos do Ofício e da Missa da Dedicção — para não entrarmos propriamente em toda a cerimônia da Consagração das Igrejas — é uma idéia multiforme em que entram as realidades históricas da Antiga Lei, as realidades místicas da Igreja, espôsa do Cristo, vivendo na História, as realidades ainda místicas da alma cristã, templo do Espírito Santo pela Graça batismal, e as realidades últimas da Cidade Santa Jerusalém, da Visão de Paz apocalíptica que reunirá diante do Cordeiro os cidadãos da Eternidade. Deus estabeleceu sua morada entre os homens, esta a idéia nítida de Jacob depois do sonho da escada que ligava o céu à terra. Os homens oferecem todas as suas riquezas para que se construa a casa, a habitação de Deus aqui na terra. Salomão, no cume da teocracia do povo eleito constrói o templo como a expressão do que de mais grandioso poderia oferecer ao seu reino para ser consagrado, dedicado ao Deus escondido, que se manifesta misteriosamente no próprio templo suntuoso através de uma espessa nuvem. Isso faz cismar o rei sábio: “Deus quer habitar a obscuridade”. Deus, de fato, procurava para si um outro templo mais íntimo e profundamente ligado a Salomão mesmo do que o Templo que este contruira e do que sua aguda sabedoria poderia suspeitar. Maria é templo de Deus, é mãe de Deus, é habitáculo do Altíssimo. O próprio corpo de Cristo é casa de Deus, protege, esconde e, ao mesmo tempo, revela a presença real de Deus, é a própria presença da Segunda pessoa da Santíssima Trindade pela união pessoal das duas naturezas divina e humana. O Senhor com efeito diz de seu próprio corpo: “Destruí este templo e eu o reedificarei em três dias” (Jo. 11,19). Templo é ainda a Igreja onde se reúne o povo fiel para se encontrar com seu Deus real e misteriosamente presente. É uma casa do povo fiel, como mais modernamente se costuma acentuar, mas é antes de tudo uma casa construída e oferecida pelos homens para a habitação de Deus, razão porque, menos utilitaristas do que nós, não se importavam os antigos de construir igrejas, umas junto das outras. É a casa consagrada a Deus, purificada pelas unções, por todo um ritual consecratório, para que Deus aí permaneça

D. JOÃO EVANGELISTA ENOUT, O.S.B.

entre os homens, entre os cristãos que vão ali buscar a vida sacramental, levar suas orações, oferecer o memorial da Paixão do Senhor celebrado pelo sacerdote que representa o único Sacerdote.

A Igreja de pedras que se levanta para acolher Deus exprime uma realidade mais misteriosa, mais profunda. Exprime a fundamental realidade do templo que é a alma de cada cristão em que viva se acende a graça do Cristo. Toda a Trindade, pela graça, realmente habita a alma dos justos e pode ser conhecida experimentalmente por esta. Presença atribuída ao Espírito que é Amor, que é Santificador, mas que é de toda a Trindade: "Não sabeis que scis templo de Deus e que o Espírito de Deus habita em vós", pergunta S. Paulo aos Coríntios (I,3,16s); e mais adiante, vai mais longe: "Não sabeis que vosso corpo é o templo do Espírito Santo"? (I, 6, 19). Repete com isso o Apóstolo os ensinamentos do próprio Filho de Deus: "Aquele que me ama cumprirá minha palavra e meu Pai o amará, e *viremos a ele e contruiremos nele nossa morada*" (Jo, 14,23). É este o mistério profundo de nossa elevação à vida sobrenatural, à vida da Graça, a uma realidade que transcende tudo que naturalmente poderíamos desejar eficazmente, realidade, por outro lado, posta ao alcance de todos os homens, pela vontade universal do Cristo. O Cristão que ama a Deus, que está em amizade com Deus, que está em estado de graça é templo de Deus, é templo consagrado pelas purificações batismais, para ser habitáculo do Senhor. Por fim, é templo do Senhor a Jerusalém nova e eterna, ornada como esposa para o esposo, é o templo não feito por mão de homem onde a liturgia da eternidade, que prefiguramos pálidamente nesta terra, se desenvolve em categorias e ressonâncias inenarráveis. A missa da Dedicção e ao seu Ofício não escapa nenhuma dessas visões da exuberância da misericórdia divina que encontrou complacência em habitar com os filhos dos homens e chamou-os a habitá-lo em suas moradas, chamou-os ao aconchêgo do templo, à mesa, à casa paterna.

A missa do comum da Dedicção das Igrejas é uma missa de respeitável antiguidade, tendo sido composta no início do século VII para a dedicação da chamada Basílica de "Santa Maria ad Martyres"; para a consagração em basílica cristã, dedicada a Nossa Senhora e a todos os mártires — primeiro vestígio da posterior festa de Todos os Santos — do velho e pagão Pantheon de Agripa, o que se realizou a 13 de maio de 610, pelo Papá Bonifácio IV. A "Santa Maria Rotunda", assim também era chamado o Pantheon transformado em basílica de Maria, Mãe de Deus, por causa de sua forma arquitetônica arredondada, sendo aberto o cume de sua cobertura, à maneira de cúpula, deu lugar a muito curiosas tradições e é um monumento dos mais veneráveis da Roma eterna. Seu nome está ligado, nos mais antigos documentos, aos textos literários e musicais dessa missa que aparece hoje nos nossos missais como o formulário do comum da Dedicção das Igrejas, para o dia da Consagração, para sua anual comemoração e para a comemoração no Calendário da Igreja Universal da dedicação das duas grandes Basílicas papais, a do Latrão, mãe de todas as Igrejas e a de S. Pedro no Vaticano, à qual adere por concomitância litúrgicamente inevitável a de S. Paulo.

A esta Missa da dedicação de "Santa Maria ad Martyres" nós vemos os mais expressivos textos, musicados com a mais inspirada arte gregoriana, que sintetizam toda a riqueza teológica e mística da polimorfa significação do "templo" para o cristão, significação que pro-

M I S S A D A D E D I C A Ç Ã O

curamos esboçar nas primeiras linhas deste artigo. Mais uma vez, devemos excusar-nos de não podermos examinar todas as peças desta missa. Por enquanto nos limitaremos ao Introito e ao Gradual.

INTROITO "TERRIBILIS EST"

"Terrível é este lugar! É a casa de Deus e a porta do céu, e será chamado a morada de Deus." (Gen. 28, 17). Estas as palavras de Jacob, palavras de arrebatamento diante da majestade de Deus, ao levantar-se do sono em que vira a escada erguida entre o céu e a terra, anunciando o mistério impressionante, de inconcebíveis consequências, da descida de Deus à terra e, do arrebatamento do homem aos céus, por obra de divina misericórdia e Graça. Depois de proferir aquelas palavras de profunda reverência e admiração diante da Obra de Deus, unge Jacob a pedra em que recostara a cabeça, como marco, como presença concreta do mistério que lhe havia sido revelado, como testemunho da realidade, que tendia a crescer cada vez mais, da presença de Deus entre os homens, em sua casa, porta do céu, morada, seja a de pedra, seja a do coração humano. O sentido profundo dessas palavras encontrou expressão adequada na pequena antífona do Introito que as musica.

Intr.
2.

Erri-bi-lis est * locus í- ste : hic dómus

Dé- i est, et pórtā caé-li : et vocá- bi- tur

áu-la Dé- i. T. P. Alle-lú- ia, alle- lú- ia.

Interpretação: A peça se apresenta dividida em duas frases, sendo que a primeira se encerra com a cadência em *dó* na palavra "caeli". Essa cadência está, entretanto intimamente ligada à frase seguinte que se inicia no mesmo *dó*, com uma entoação típica, do 2.º modo. Seria, pois falso ver essa cadência como uma grande cadência e, ainda mais, em modalidade diferente da que estamos na peça, pois apenas materialmente temos uma grande cadência em terça maior sobre a tônica, quando estamos no 2.º modo. Seria pois necessário não considerar esta, como uma grande cadência, conclusiva de frase e portanto não considerar a barra como grande barra, mas como média, não se suspendendo ali o curso da peça, mas considerando-a como constituida de uma só frase. É o que sustenta D. Gajard quando afirma: "As barras não correspondem à realidade nem do texto, nem da melodia: é perfeitamente licito tratar a grande barra que segue "caeli" como meia barra, e as duas meias barras de "Dei est" e "vo-

cabitur" como pequenas barras; de fato, só há uma verdadeira grande cadência: a do fim." (Rev. Grég. 1953, p. 179). Assim, modalmente, a cadência em *dó* não deve ter relêvo finalizante, pois fazê-lo seria introduzir forçadamente outro modo, na base de uma nota que está fundamentalmente na estrutura do modo da peça, se considerada como cadência de passagem. Sob o ponto de vista de movimento e de síntese rítmica, o não considerar a mesma cadência como fim de frase, mas apenas fim de membro, corresponde ao *torculus* leve, atestado por alguns manuscritos e pela ed. Vaticana e corresponde à unidade da peça vista como uma só frase, ondulando por duas vezes nos fins de membro: em "iste" erguendo-se evoluindo e ondulando em "caeli" e fazendo a mesma ondulação para a cadência final.

Os neumas dão uma idéia muito clara da interpretação dessa peça, admirativa, solene, mas muito fluente. A entoação é leve e ligada, sem nada absolutamente de pesado ou forçado que se aproveitasse da descida ao grave para exprimir algo de patético na palavra *Terribilis*. O apoio de "est" cede e encaminha naturalmente à leveza de "locus iste" ornado com neumas sutis, arredondando-se sonoramente mas com naturalidade o acento tônico bem no alto do 3.º tempo. Estrutura-se logo o 2.º membro com um primeiro apoio de *salicus*, ainda discreto; o neuma tético do fim de palavra (*dcms*) tem sua culminância suave e leve ("c"). Entra-se então no grande apoio desse membro, num belo crescendo sobre o acento tônico de "Dei", movimento ársico que não se anula na cadência de "est" mas que aflui para as novas arsis de "et" e "porta", em pleno movimento e élan, atingindo assim o cume da peça, no acento de "caeli", passando instantaneamente para a leveza dos neumas do fim da palavra: *torculus* leve com *oriscus* e *torculus* leve, final do membro. Como se vê, transformamos também, a conselho de D. Gajard (loc. cit.) plenamente justificado, a meia barra de "Dei est" em pequena barra. Segue-se o 3.º e último membro com a entoação do 2.º modo, apoiada nas 2 primeiras notas *ré-fá* e leve na *clivis* superior, do acento tônico de "vocábitur". A trístafa leve, e o neuma final do inciso bem cantado mas sem arrastar, fraseando-se com expressão o *dó-lá-dó* grave, que se articula, em crescendo muito ligado — aqui também se substitui a meia pela pequena barra — com o *salicus* de "aula". Esta palavra é uma das mais expressivas de toda a peça. Seu *salicus* inicial vem muito bem preparado pela ondulação que o precede; a sua primeira nota é um belo 3.º tempo de fim de arcada de *viclancelo* que precede o *dó* apoiado do *salicus*; a virga episemática do *ré* é outro 3.º tempo muito expressivo antes de se subir muito levemente ao duplo *fá*, trígono, cuja 3.ª nota, desintegrada, o *dó* constitui outra vez um 3.º tempo expressivo e arredondado nessa importantíssima sub-tônica *dó* que exige a cadência final que se faz preceder ainda da *clivis* leve e do *torculus* longo final.

Como se vê esta frase, que é essa peça, é um verdadeiro poema de pureza modal, onde aparecem as principais notas do modo desempenhando com propriedade o seu papel: assim o *dó* das entoações, a sub-tônica que prepara e apoia a tônica ou conduz ao *lá* grave, o *ré* que conduz à dominante, iluminada uma ou outra vez pela nota superior. A peça é por demais pequena para nos oferecer aquele outro magnífico tema modal, que se lança com a quinta *ré-lá*. Esta é uma peça que quer ficar no grave e satisfaz plenamente, num daqueles encontros perfeitos de texto e melodia, um nascido do outro, como o repertório gregoriano da época áurea nos sabe dar.

D. JOÃO EVANGELISTA ENOUT, O.S.B.

O versc do bellissimo salmo 83 que é o salmo do desejo, da saudade da casa do Senhor, deve vibrar naquela salmodia solene do 2.º modo, com uma cadência bem ritmada e em equilibrado alargando, sempre pronto a retomar o movimento quer do Gloria Patri quer da repetição do Introito. Diz o Salmo: "Ó como me é cara a tua habitação, Senhor dos exércitos. Arde de desejo e se esvai minha alma nos átrios do Senhor."

Que dizer do andamento desta peça? O estudo interpretativo que acabamos de esboçar já no-lo indicaria suficientemente; não seria demais, entretanto, transcrever algumas observações feitas por D. Gardard a esse respeito. O fato da peça se desenvolver pelos graves da escala não implica "lourdeur" nem muito menos "tristeza ou falta de vida". "Não se pode negar à melodia movimento, élan e mesmo um certo entusiasmo". "Avant tout pas de lourdeur" ainda uma vez; "il n'y a rien là de massif. Il y faut du mouvement, de l'élan, de la légèreté même, sans précipitation, bien entendu. On veillera particulièrement à l'intonation, qui pourrait facilement porter à la lenteur, ce qui compromettrait infailliblement la vie de toute la pièce." (Rev. Grégor. 1953, p. 179 s).

Terminamos ainda com este belo trecho do diretor de Coro de Solesmes:

"Ainsi tout concourt à donner à cette pièce, malgré sa tessiture grave, une grande noblesse d'allure. Il est impossible de ne pas sentir le perpétuel mouvement qui l'anime et la soulève. Au total, quelque chose de grave à la fois et de solennel, de profond et de vibrant, un sursaut d'admiration, de respect trempé d'amour, devant une réalité mystérieuse dont on suppose plus qu'on ne mesure la grandeur, et devant laquelle on reste saisi d'étonnement; l'attitude en somme de Jacob au sortir de sa vision de Béthel..." (loc. cit.).

O GRADUAL "LOCUS ISTE"

"Este lugar foi constituído por Deus como inestimável mistério (sacramentum), e é imaculado.

V. Deus, diante de quem está o coro dos Anjos, ouvi as preces dos teus servos".

O magnífico texto literário deste Gradual não vem acompanhado de indicação de fonte escriturística nos missais, nem os comentaristas dos textos litúrgicos (Guéranger, Schuster e outros) se aventuraram a indicar a fonte do mesmo. Trata-se pois de uma prece litúrgica de autor anônimo, que parafraseia textos da Escritura sobre o templo, inclusive o texto do Introito e termina com uma invocação e prece. "Este lugar", como é chamado o templo, indica a triplíce significação do templo: o terrestre, de pedras, construído bem firme sobre este chão; o místico, que é a alma de cada cristão que vive no amor de Deus, e o templo onde o Cristo exerce a liturgia celeste, oferecendo seu sacrifício de sangue pela nossa Redenção. De todos eles se pode dizer que "foi feito, estabelecido, por Deus, pois só de Deus poderá partir a iniciativa para que os homens o tenham presente, e esta "presença" é um "inestimável mistério", é uma realidade que de muito transcende nossa capacidade de averiguação e que conhe-

M I S A D A D E D I C A Ç Ã O

ceomos com a enorme certeza, com a obscura certeza da fé, e que os cristãos, na sua vida de procura da perfeição podem *experimental* pela contemplação infusa dos mistérios da fé. Este lugar é um mistério, é um sacramento, é um sinal sensível do mistério da presença invisível que purifica, que torna irrepreensível, que santifica o que de material: a obra de suas mãos, o seu próprio ser, seu corpo — o homem apresenta a Deus. O texto do Versículo é uma prece sentida dos servos ao Deus celestial circundado de seus anjos.

Grad.
5.

Locus iste a Deo factus est, inestimabile sacramentum, irreprehensibilis est. Deus, cui adstat Angelorum chorus, exaudi preces servorum tuorum.

Interpretação: Temos diante dos olhos um dos magníficos Graduais do 5.º modo, todos eles tão parecidos e sempre novos em sua incomparável vivacidade e beleza.

A primeira parte é, com exceção da cadência muito freqüente e conhecida, toda ela original e empresta uma grande nobreza e esplendor ao texto tão expressivo. A entoação é bem apoiada no *fá* duplo, leve e piano no *sol* e expressiva no neuma ascendente de "iste". Uma expressão especial merecem as palavras "a Deo". Aquêlê "a" que indica origem e autoria é bem apoiado num *podatus* que atinge a dominante. O acento tônico de "Deo" é também muito sentido num neuma longc. Mas a melodia não se deixa prender, torna-se logo muito leve e ligada nos neumas seguintes até a cadência do 1.º membro.

D. JOÃO EVANGELISTA ENOUT, O.S.B.

A palavra "inaestimabile" é ainda entoada em pleno movimento, com neumas todos muito leves, em torno da dominante, retendo, porém, e diminuindo na última sílaba, tésis que prepara a descida à tônica, e à muito expressiva e misteriosa palavra "sacramentum", permanentemente balanceada entre neumas apoiados e longos e outros ligeiros. Merecem especial apóio e expressão as duas notas ascendentes do acento tônico, sendo o climacus seguinte bem ligado e suave, cadenciado em *sol*. Lança-se logo porém a frase seguinte, estruturada em *lá-dó*, com bivirga epistemática na dominante e a clássica descida por têrcas à tônica, sendo bem apoiado o podatus longo *fá-sol* da última sílaba que passa logo à cadência em crescendo e logo em movimentado evoluir, leve e fluente até o bem arredondado final da virga *lá* debruçando-se sobre o pressus *sol*, de dentro do qual surge suave e finalizante o *fá*. Esta final típica, já a consideramos nesta Revista, quando falamos do Gradual "Venite" (7.º Domingo depois de Pentecostes. Rev. Gregoriana, n. 22, p. 14-16).

O versículo é todo construído de trechos típicos dos Graduais do 5.º modo (centões) colados uns aos outros com muita felicidade, nada devendo a um original. O recitativo inicial na tônica leva com muita leveza, mesmo na ampla subida de "adstat" ao recitativo na dominante que prepara o longo melisma, cantante, sonoro, vibrante do final da palavra "chorus". Os neumas manuscritos indicam claramente as nuances do apóio e leveza dêsse melisma que aliás já estudamos nesta Revista (Gr. "Christus" in "A Semana Santa em Disco" Rev. Gregoriana n. 19, separata, p. 5 e 6).

A segunda frase se inicia com grande expressividade no acento tônico de "exaudi" construído sobre a dominante com notas ascendentes longas, finalizando, leve e piano, preparando aquêlo pequeno tema muito sentido que se adapta tão bem à palavra "preces". São neumas longos e ligados mas bem cantados e movimentados em arca-das de violoncelo. Evoluem para tônica, mas a primeira chegada à tônica não satisfaz, é preciso pousar sobre ela depois do climacus e da clívis muito leves. Assim entramos em pleno tema da cadência. "Servorum" tem a primeira nota, correspondente ao acento tônico, apoiada. O podatus antes do asterisco é longo e liquescente. Em "tuorum" repete-se no grau da dominante, no acento tônico, apóio idêntico ao que mereceu a palavra anterior. O último inciso é o clássico final tipo "Christus" (cf. loc. cit.) que os próprios manuscritos já se dispensam de ornar com neumas, porque já bastante conhecido do cantor. Deve ser levado em crescendo e num movimento vivo até a virga pontuada, não se deixando de fazer, no alto, a repercussão do último *dó*, não ictico e cai-se suavemente para a final idêntica à da primeira parte do Gradual.

O muito que ainda haveria a dizer sobre esta magnífica missa de Dedicção das Igrejas aguarará nova oportunidade...

Curso técnico e prático de Canto Gregoriano por correspondência (1)

Este curso de **Canto Gregoriano**, por correspondência, organizado pelo "INSTITUTO PIO X DO RIO DE JANEIRO", de acôrdo com o **Método de Solesmes**, é a resposta a múltiplos pedidos.

Um **Curso de Canto Gregoriano por correspondência** parece ser quase um absurdo: como aprender a cantar por correspondência?

Na verdade, para cantar bem, o aluno necessita de um exemplo vivo e de um guia, para orientar seus esforços. Tratando-se do Canto Gregoriano, uma iniciação especial e muito especial, é imprescindível no que diz respeito ao solfejo, ao ritmo e à técnica que lhe são próprios.

O "INSTITUTO PIO X DO RIO DE JANEIRO" fará o possível para ser o guia de seus alunos, na parte oral, durante a **Semana Gregoriana** anual, obrigatória, em que reunirá seus alunos do Curso de Correspondência para iniciá-los no conhecimento do Canto Gregoriano.

Logo, o **Curso por Correspondência** tem por fim prolongar o trabalho realizado nestas **Semanas Gregorianas** de formação, a fim de chegar a obter do aluno, de modo claro e preciso, prático e metódico, o conhecimento do Canto Gregoriano.

Naturalmente, a presença do aluno à **Semana Gregoriana** é absolutamente exigida, como prática do Curso seriado, de 4 anos. Deve **preceder** o ensino anual ministrado por correspondência. Isto quer dizer que: cada ano de estudos por correspondência tem que ser precedido por Cursos succintos, mas rápidos, em que se ensinam os princípios de solfejo, de ritmo e de técnica, durante a **Semana Gregoriana**, como indicação para um trabalho subsequente mais profundo. Com efeito, sem estes Cursos informativos, o aluno por **Correspondência**, uma vez sozinho, poderia errar e desanimar-se diante de reais dificuldades.

DIRETIVAS

- 1 — Para a remessa dos Cursos, a correção, o gasto de papel, sêlos e mimeógrafo, serão pedidos a cada aluno Cr\$ 2000,00 anuais, pagos em duas prestações, se quiserem; a taxa de matrícula anual será a da inscrição de cada **Semana Gregoriana**;

(1) Ordinariamente, este Curso não sairá nesta Revista. Vai hoje aqui por imposição dos acontecimentos: desgarrou-se o original do desenho do cliché mais importante que ilustraria o "2.º Livro de Canto Gregoriano". Não havendo tempo de compor outro assunto — que seria o da Quironomia — lançou-se mão do que estava pronto. A partir da 3.ª lição este Curso por correspondência será enviado aos alunos que o pediram, em folhas mimeografadas.

- 2 — Os exercícios devem ser enviados de 15 em 15 dias. A correção deles irá com o exercício seguinte, — um só trabalho cada vez; mas, conforme o número de erros, o professor poderá pedir a repetição do mesmo. Cada aluno deve enviar, junto com o exercício, um envelope bem forte trazendo seu próprio endereço, para facilitar o trabalho de remessa da correção. Esta será enviada por tarifa postal simples; querendo alguém recebê-la por avião, tenha a bondade de enviar o **excedente** em selos. Os exercícios devem ser endereçados para o “**INSTITUTO PIO X DO RIO DE JANEIRO**” — Rua Real Grandeza 108, Botafogo, Rio de Janeiro.
- 3 — A remessa do Curso por Correspondência é pessoal;
- 4 — O Ano Escolar vai de 15 de julho a 15 de julho, comportando férias em novembro e dezembro.

E X A M E S

- 1 — Cada Ano do Curso termina por um exame oral durante a **Semana Gregoriana** seguinte;
- 2 — Para passar o exame do Ano seguinte é preciso ter obtido o **Certificado** ou os **Certificados** correspondentes ao estudo dos Anos precedentes;
- 3 — Para receber o Certificado de cada Ano é exigida a frequência a **todos** os Cursos da **Semana Gregoriana**, além da apresentação de **todos** os exercícios remetidos;
- 4—No fim de 4 Anos de estudo haverá uma prova final, escrita oral e prática obrigatória.

LIVROS ADOTADOS

- 1 — “**Liber Usualis**” ou o “**Paroissien Romain**”;
- 2 — 1.º **Livro de Canto Gregoriano** de Ir. Marie-Rose Pôrto O.P. (2.ª Edição Agir Editora); 2.º **Livro de Canto Gregoriano**, da mesma autora (1.ª edição) breve;
- 3 — Assinatura da “**REVISTA GREGORIANA**”.

CURSO TÉCNICO E PRÁTICO DE CANTO GREGORIANO POR CORRESPONDÊNCIA

1.º A N O

N.º 1

1.ª Lição

1.º de agosto de 1957

1. Ler atentamente o 1.º Capítulo de “**LIVRO DE CANTO GREGORIANO**”, até as **COMBINAÇÕES NEUMÁTICAS de três ou mais sons**”, exclu-sive.

2. Abrir o **Liber Usualis**, p. 271, Antífona “**Salva nos, Dómine**”, de Completas:

- a) em que clave estamos? que nota lerá na 3.ª linha? na 2.ª? na 1.ª? no espaço abaixo da 1.ª linha? e no acima da última linha?

CURSO DE CANTO GREGORIANO

- b) ler em recto-tono, devagar, em tempos bem regulares, tôdas as notas desta Antífona, (Encontrando grupo de duas notas, uma em cima da outra, ler primeiro a de baixo, p. ex. na sílaba va de *Salva.* etc);
- c) tomar a Antífona "*Miserere*", de Completas, L. U. p. 266: ler o nome das notas na clave indicada, e depois transcrever a mesma Antífona na clave de **DO 3.^a linha** (excluindo o texto) e pondo o nome respectivo em baixo de cada neuma, (em gregoriano **neuma** corresponde a **nota**). Neste exercício, tomar o cuidado de conservar sempre os mesmos intervalos.

3. Para que servem as claves em gregoriano? Terão a mesma finalidade que na música moderna? (O termo **moderna**, emprega-se aqui em oposição a **antiga**, de que faz parte a música gregoriana).

4. Como são representados os neumas fundamentais e que nome tomam? (Este nome de **fundamentais** lhes é dado porque tôdas as combinações neumáticas são feitas com êles, salvo os neumas especiais).

5. Ler mais adiante no 1.^o Capitulo do "**LIVRO DE CANTO GREGORIANO**", o III subtítulo — **VALOR** (1.^a ed. p. 41-43).

6. Explicar, por escrito, para que possamos averiguar, o que entenderam sôbre o **TEMPO SIMPLES**, depois responder também:

- a) qual é a duração de cada neuma?
- b) como se denomina o ponto que se coloca ao lado da nota? terá o mesmo valor que na música moderna?
- c) dar a definição de T. S., explicando como entendeu esta definição, (se ainda o não fêz acima).

7. Para provar que entenderam o valor das notas gregorianas responder:

- a) contar quantos T. S. existem na 1.^a invocação do **KYRIE IV?** e quantas notas neste mesmo trecho?
- b) será que o **EPISEMA HORIZONTAL** também aumenta o valor do neuma? por que?

8. Como viram no "**LIVRO DE CANTO GREGORIANO**", com o **punctum** e a **virga** formam-se grupos ou combinações neumáticas:

- a) como se chamam os grupos de dois neumas? Desenhar êstes grupos;
- b) haverá um **intervalo determinado** entre êles? Dizer o que apurou no **LIVRO** a respeito, e fazer novas perguntas em caso de dúvidas;
- c) fazer, oralmente, ou por escrito, os exercícios de 1 a 9 indicados no **LIVRO**, apresentando por escrito tudo aquilo que lhes trouxer dificuldades;
- d) traçar 3 **TETRAGRAMAS**: colocar no 1.^o a clave de **DO 4.^a linha**; no 2.^o a clave de **FA 3.^a linha** e no 3.^o a clave de **DO 3.^a linha**. Escrever nestes **TETRAGRAMAS** as seguintes notas, de acôrdo com a clave indicada: **LA — FA — DO — SOL — RÉ — MI — SI — RÉ SOL**. Usar para isto os neumas conhecidos: **punctum, virga, podatus, clivis, bivirga, distropha**;
- e) contar quantos T.S. escreveram.

9. Combinando-se um **punctum**, uma **virga** e outro **punctum**, quantos neumas teremos? quantos sons? quantos T.S? como se denomina êste grupo? explique-o.

10. Invertendo-se esta combinação neumática acima, que grupo se obtém? explique-o.

11. Traçar um **TETRAGRAMA** longo, colocar nele a clave de **DO 2.^a linha**, e desenhar os grupos neumáticos seguintes, na mesma ordem aqui indicada, variando os intervalos: **tórculus — punctum pontuado — virga —**

porrectus — punctum — tórculus — tórculus — porrectus — bvirga — punctum — virga pontuada — clivis—distropha—porrectus — podatus — trístropha — punctum pontuado.

- a) separar cada neuma ou cada grupo por um travessão da 1.^a à 4.^a linha;
- b) escrever em cima da pauta o nome dêstes neumas ou grupos;
- c) escrever em baixo da pauta o nome das notas que escolheram;
- d) contar quantos T. S. escreveram;
- e) contar quantos sons escreveram.

NOTA: Não devem transcrever as perguntas do exercício; basta indicar os números 1. 2. 3. etc.) e as subdivisões a) — b) — c) etc).

2.^a Lição

15 de agosto de 1957

1. Antes de começar êste exercício. rler bem a correção do 1.^o, refazer o que estiver errado. Rler desde o início o 1.^o Capítulo do "LIVRO DE CANTO GREGORIANO", prosseguindo nessa leitura atenta e de verdadeiro estudo, até o subtítulo; NEUMAS FUNDIDOS, exclusive. Fazer todos os exercícios indicados no LIVRO, oralmente ou por escrito.

2. Tomar o "Agnus Dei" XV (L.U. p. 58), só as duas primeiras invocações e:

a) ler em reto-ono, SOL, o nome das notas na mesma clave em que estão escritas: leitura bem regular, isto é, levando o mesmo tempo para pronunciar cada nota;

b) cantar a mesma peça nesta mesma clave de **DO 4.^a linha**, de modo a quase memorizá-la; mas sempre com valores bem iguais;

c) ler em **recto-ono**, SOL, esta mesma peça na clave do **DO 3.^a linha**, conservando entre os sons os mesmos intervalos;

d) transcrever êstes dois primeiros **Agnus Dei XV** na clave do **DO 3.^a linha** de que foi pedida leitura no item acima;

e) por escrito. digam as dificuldades ou hesitações que tiveram nos itens anteriores desta lição.

3. Fazer os exercícios números 10 a 16 inclusive, marcados no LIVRO DE CANTO GREGORIANO: (não se esquecer de que o tracinho vertical colocado na 1.^a nota do último **podatus** que forma o grupo chamado **sálicus**, indica ligeiro alargamento desta nota);

a) escrever o nome dos neumas dos exercícios números 12 e 13 (respectivamente Fgs. 46 e 51);

b) traçar a pauta e transcrever o primeiro dêles na clave de **DO 3.^a linha**;

4. Traçar outras pautas gregorianas (4 linhas), com a clave do **DO 3.^a linha** e fazer o exercício número 14 (1.^o exercício pag. 35 — 1a. ed.).

5. Que diferenças nota entre o **scandicus** e o **sálicus**?

a) escrever dois **scandicus** e dois **sálicus**;

b) na execução, qual é a particularidade do **sálicus**?

c) terão só três notas cada um dêsses grupos?

6. Será que os neumas liquescentes indicam diminuição do valor do tempo que representam?

CURSO DE CANTO GREGORIANO

a) traçar um porrectus liquescente (na clave de FA 3.^a linha com as notas RE-DO-MI);

um epiphonus ou podatus liquescente (clave de DO 3.^a linha — DO-RE);

um tórculus liquescente (clave de DO 4.^a linha — LA-SI-SOL);

uma clivis liquescente ou cephálicus (clave de FA 3.^a linha LA-SOL);

um climacus liquescente ou ancus (clave de FA 3.^a linha — FA-MI-RE);

b) procurar no L.U. exemplos destes neumas liquescentes, mandar a referência da página, peça, pauta e palavra, escrevendo porque foi usado ali o neuma liquescente.

NOTA: Tôdas as referências de páginas, figuras e numeração dos exercícios estão sendo indicadas de acôrdo com as modificações feitas na 2.^a edição do LIVRO: CANTO GREGORIANO — IR. MARIE-ROSE PORTO, O.P. Aconselha-se aos que possuem a 1.^a edição contar as figuras de acôrdo com os clichês; a numeração dos exercíciocs a partir do 1.^o exercício da página 27 será feita tôda em seguida, sem recomêço em cada subtítulo, mas capítulo por capítulo.



Na Igreja tomemos o hábito, no ato da oração, de não ouvir o canto em si, mas de concentrar tôda nossa atenção receptiva no texto, no seu conteúdo na face do Senhor... através do canto.



Os fascículos “PERGUNTE E RESPONDEREMOS” n.ºs 1, 2 e 3 estão sendo reeditados. Façam logo seus pedidos.

O MÉTODO WARD

O GREGORIANO PARA A MISSA...

UMA EXPERIÊNCIA DE VINTE ANOS

... Muitos sacerdotes trabalham com o fito de verem tôda paróquia participar dos officios da Igreja, inclusive do canto.

Enquanto se ignora o meio de ensinar e de fazer amar o Canto Gregoriano por todos os cristãos, é normal procurar uma orientação.

Justamente, existe um Método inventado e cuidadosamente elaborado por uma americana, Madame Ward, que põe à altura das crianças, logo, do povo no futuro, o canto dos monges de Solesmes.

Este método está sendo, efetivamente, aplicado há uns 20 anos em larga escala, na América do Norte e na Holanda.

O inspirador do Método: Thomas Shields.

Para compreender o Método Ward é preciso conhecer Thomas Shields de quem partiu a primeira idéia.

Foi nos Estados Unidos em 1870 mais ou menos. Uma criança, Thomas Shields, era julgado por todos muito sem inteligência. Por duas vezes, seus pais o retiraram da escola, para o que o achavam inapto. Foi mandado para a fazenda explorada por seu pai em Minnesot; lá é maltratado como um incapaz, no entanto, não era idiota. Ele se interessava muito pela mecânica. Obrigado a arrancar árvores e descontente com êste trabalho, idealizava e fabricava, particularmente, com velhas ferramentas... o que? u'a máquina para arrancar árvores! Um dia, aproveitando a ausência de seu irmão, fêz uma experiência. Crac! a corda arrebentou. Colocou outra, virou a manivela e eis que os carvalhos saíram da terra como por encanto. Alegria! Triunfo! "Sou inventor"!

Daí por diante, certo de valer e de poder alguma coisa, começou seus estudos, encontrou um sacerdote que se interessou por êle, tornou-se também padre, depois doutor em biologia e fisiologia, enfim professor, mas professor de Universidade, em Washington.

Tornando-se professor, lembra-se, então, de sua infância, de seus inícios tão difíceis resolveu consagrar-se inteiramente à pedagogia. Deseja se dirigir aos que ensinam. Estes é que precisam ser formados ou reformados. Será, então, o educador dos educadores. Chegou à conclusão de que trabalhando e começando a tempo, ensina-se qualquer coisa a qualquer pessoa.

Thomas, começa a compor uma série de livrinhos para crianças. Esses livros "Catholic education séries" são mesmo, sob o ponto de vista literário, verdadeiras obras de arte.

No fim de cada parte, êle colocava dois cantos, um resumindo o que acabava, o outro preparando o que seguia. Ele compreendera a influência da música no espírito dos retardados, considerando-a, ao mesmo tempo, como parte essencial da educação.

Um dia, durante um jantar, teve providencialmente, ocasião de expor suas idéias a uma senhora desconhecida, Madame Ward, que se interessava muito pela Música Sacra, para quem a solução dêste problema era ensinar música nas escolas.

Thomas Shields mostra-lhe as canções que se entremeavam em suas lições. Madame Ward disse-lhe claramente não valerem nada. Thomas riu-se gostosamente e acrescentou: "A senhora quer me ajudar?" Ficou combinado. Em troca desse serviço, Dr. Schields comunicou-lhe suas descobertas pedagógicas.

Madame Ward concebeu, então, o plano de um método de ensino musical acessível, não somente às pessoas dotadas, aos "artistas", mas a todas as crianças que vão à escola. Foi esta a origem do Método Ward, ou melhor uma de suas duas fontes.

Madame Ward e Solesmes.

Nesta época, Madame Ward ouviu falar sobre Solesmes. Atravessou o Atlântico e fixou-se em Sablé. Aí permaneceu longos anos trabalhando sob a direção de D. Mocquereau que lhe desvendou os segredos do ritmo.

Mas, se assim podemos nos exprimir, ela exerceu sobre D. Mocquereau, no domínio particular da pedagogia, dupla superioridade. Era mulher, trazia em si o senso da criança; anglo-saxona era prática. Teve, pois a idéia de iniciar as crianças na quironomia desde a mais tenra idade. Dom Mocquereau dizia a seus alunos: "Vou ensinar-lhes toda a teoria rítmica, depois um pouco de paleografia, por último mostrar-lhes-ei o fim do fim: a quironomia". Madame Ward diz o contrário. "Não é no Conservatório que se deve colocar a quironomia, mas nas classes infantis".

Com seu Método, as crianças nunca aprendem a menor melodia sem desenhar a quironomia com suas mãozinhas. Encontram-se, assim, crianças de nove e dez anos capazes de dirigir, por uma espécie de instinto nascido do hábito. Como é fácil, então, fazê-las raciocinar sobre a teoria rítmica. Vê-se logo que o Método Ward é ao mesmo tempo a coroação dos célebres trabalhos do pedagogo americano, Thomas Shields e do famoso rítmico francês, D. Mocquereau.

E' desnecessário contar quanto D. Mocquereau encorajava e admirava Madame Ward, pois escrevia na "Revue Grégorienne" de Novembro-Dezembro de 1928: "Não temo dizer: se, por incrível, o ritmo gregoriano visesse a desaparecer de Solesmes ou da Europa, poder-se-ia, nesse momento, procurá-lo do outro lado do Oceano, em Nova York, na Escola Pio X" (Escola de música e canto litúrgico, fundada por Madame Ward).

E' igualmente desnecessário, lembrar o que pensa do Método Ward o atual Mestre de Coro de Solesmes, D. Gajard. Basta recomendar o tão elogiado artigo da "Revue Grégorienne" de 1934.

Citemos algumas apreciações de D. Gajard: "Ideal magnífico, certamente, (colocar o canto à altura de todos) mas não seria acaso um belo sonho?... não, nada de imaginação, mas uma realidade concreta; prova-o centenas e centenas de escolas da América, Holanda e Itália, onde o Método Ward é empregado, desde muitos anos, com ótimos resultados. Pode-se dizer, que desde o início, o êxito é assegurado, àquele que deseja verdadeiramente experimentá-lo. Seu segredo — Está no próprio método, infinitamente diferente dos outros, ultrapassando-os em **profundidade e extensão**.

Sublinhemos, enfim, que a "Revue Grégorienne", de Setembro-Outubro 1947 publicava ainda sob o título "Um grande educador", um artigo sobre Thomas Shields, assinado por um monge de Solesmes (com o pseudônimo Alin Lapy).

O Método Ward na Holanda

Em 1927, Madame Ward encontrou um jovem professor holandês, sr. Joseph Lennards, que renunciara ao casamento para se consagrar inteiramente a este apostolado. Músico e excelente gregorianista, Mr. Lennards passou algum tempo na América, iniciando-se no ensino do Método Ward. De volta a seu país formou-se professor numa Escola Normal, fundando um "Ward-Institut" em Roermond, no Limburgo.

Dinâmico, como era, M. Lennards conseguiu formar nos 20 anos de trabalho vários milhares de professores que aplicam o Método em suas classes — e ainda uns trinta, capazes de formar professores e fiscalizar as escolas.

Estes cursos são dados no período escolar, toda segunda-feira a educadores disponíveis ou então, todos os anos durante as férias, de 1.º a 15 de agosto. Esse curso de férias, que dura apenas quinze dias dá, aos educadores, o direito de ensinar durante um ano. É preciso, pois, recomeçar quatro anos consecutivos para conhecer o Método completo.

Durante nossa recente viagem à Holanda, assistimos, à vontade, em várias escolas as aulas de canto dadas por professores assim formados.

Desde as classes infantís de 5 anos, até aos de 10 ou 12 anos que solfejam à primeira vista o Intróito mais difícil, sentimos a mesma atmosfera de alegria calma e atenciosa. Os exercícios do Método são variados e tão bem graduados que as crianças nunca se cansam nas aulas de solfejo, guardam, ao contrário, profunda impressão de que louvar o Senhor é coisa deliciosa.

O resultado pode ser comprovado aos Domingos na Missa Solene. Toda a escola lá está reunida na parte superior da nave, com o professor. Os soprano entoam o Intróito com vozes bem colocadas, claras, sonoras, de uma sonoridade muito pura e muito doce. Fica-se extasiado. Essas vozes infantís têm ao mesmo tempo o encantamento da idade e a qualidade dos timbres bem trabalhados.

Quando essas crianças deixam a escola, misturam-se à multidão e é assim que, aos poucos, a nave inteira pode tomar parte na Missa Solene com pleno conhecimento de causa.

Em novembro e dezembro de 1946, por ocasião das Manifestações da U.N.E.S.C.O., escolas holandesas de Helmond vieram a Paris dar umas demonstrações. Diante desse aerópagio único, o mestre dirige suas crianças. A seguir, chamou um menino de 9 anos, fê-lo subir numa cadeira para que dirigisse. O homenzinho desenhou tão bem sua quironomia arrancando delirantes aplausos. Voltando-se para o público e vendo que todos batiam palmas achou-se na obrigação de fazer o mesmo.

Lugar do Método Ward no movimento de Renovação Litúrgica

Certas pessoas serão talvez levadas a pensar: "Por que nos falamos tão insistentemente neste método, se já temos em França um Instituto Gregoriano de Paris e tantas Escolas que lhes são filiadas (e aqui no Brasil um Instituto Pio X do Rio de Janeiro)?..." Respondamos por um exemplo: conheço uma jovem que, embora diplomada brilhantemente na Sorbonne, teve que se ocupar durante algum tempo de uma classe infantil. Pois bem, viu-se obrigada a seguir um curso de Jardim da Infância. Podemos, portanto, possuir já todos os certificados, e mesmo o Diploma, de um Instituto de Canto Gregoriano e estudar também o Método Ward, a fim de tornar o canto dos Monges de Solesmes acessível às crianças. Não se ofusca um professor de Universidade, porque diante de sua casa se abre uma Escola maternal! Os Institutos Gregorianos podem continuar seus trabalhos, sem temer o Método Ward.

2. Outra objecção: Já de longa data se ensina o canto às crianças, muito antes do Método Ward. Será verdadeiramente útil esse Método de 4 anos de estudo, com suas pormenorizadas indicações? Responderemos com algumas precisões.

Claro está que existem Mestres-Capela que, dotados de autêntico senso pedagógico, eminente, conseguem resultados excelentes, sem nosso Método. Mas, note-se bem, são justamente estes mesmos Mestres que se queixam sempre de que a música é privilégio de pequeno número de crianças. e da falta, realmente imperdoável, que se nota nos programas de ensino (muitos existem de ótima elaboração, mal aplicados, porém) das Escolas primárias e das secundárias. Então, quando um talentoso professor quer executar uma obra de arte, ou se contenta com alguns coristas ou os faz vir de longe, ou ensinam as partituras de cor, ou, enfim, formam penosamente um coral, ensinando o B.A. BA a seus executores improvisados.

Se o Método Ward fôsse adotado com mais dilatação, todos aprenderiam a cantar **como se aprende a ler, a escrever e a contar**. Tôdas as crianças receberiam uma formação musical de acôrdo com sua idade, formação real e profunda, dada pelo próprio professor, dentro do horário escolar. Graças, então, à Escola Primária, tôda criança assimilaria os rudimentos da música e os Regentes de Côro não precisariam mais empregar tempo precioso para procurar cantores e poderiam consagrar-se a um tabalho verdadeiramente artístico.

A única condição é fornecer aos professores um Método que lhes permita dar aos alunos verdadeiro conhecimento musical. Recentemente, um professor de crianças de 6 anos escrevia a um afamado Mestre-Capela:

"Desejaria começar o ensino da música aos meus alunos: que devo fazer? Em resposta recebeu algumas indicações contidas em pequenas páginas: durante o primeiro quarto de hora dê alguns desses exercícios e no segundo, algum desses outros, etc. E, vejamos o ano todo esse professor terá de contentar-se com estas breves sugestões.

Não é mesmo que teria sido mais eficaz se êle tivesse frequentado durante quinze dias aulas do Método Ward (estudos intensivos) e recebido o livro de Madame Ward no qual a lição de cada dia é minuciosamente preparada para crianças a partir de 6 anos?

Sabemos quanto a pedagogia aplicada às criancinhas tem feito progressos de uns 30 anos para cá. Antigamente cada professor se esforçava criar meios para ensinar o mais eficientemente possível; mas pouco a pouco o bom senso lhes fêz conhecer a necessidade de técnicas para ajudá-los em suas criações individuais. Chegaram à conclusão de que se deviam deixar orientar por especialistas, neste domínio da pedagogia da criança com oem todos os outros. **O aproveitamento será muito melhor**. Eis porque nenhuma deshonra existe, muito pelo contrário, em o conhecedor do Canto Gregoriano iniciar-se no Método Ward. E' próprio do Método ser adaptado a tôdas as crianças, a partir dos 5 ou 6 anos, e encaminhá-las ao gregoriano, dando-lhes também educação musical completa. A música polifônica muito ganhará também com êste Método.

Que esperança para nós, que desejamos ver todo mundo cantando na igreja.

E' problema capital conhecerem as crianças cristãs o canto litúrgico: ora, o Método Ward permite às crianças, já desde o fim do primeiro ano o canto e a regência de peças gregorianas como o **Kyrie XIII** e o **Veni Creator**. Com 9 anos já podem ter entre as mãos o **Kyriale**. Nunca se esquecem as melodias que se amou de todo coração em criança. E as melodias que o Método faz amar são, principalmente, as melodias gregorianas, de beleza austera, eminentemente próprias para formar o autêntico sentimento reli-

O M É T O D O W A R D

gioso. O Canto Gregoriano não impede a oração, pelo contrário, favorece-a, elevando as almas. Numa região onde este método é largamente aplicado a sensibilidade religiosa do povo se forma de maneira superior.

(Adaptação dum artigo publicado no Boletim do Instituto Gregoriano de Paris, de Pierre Caillon, por D. Daisy Alcalá).

CENTRE NATIONAL WARD

INSTITUT GRÉGORIEN 21, RUE D'ASSAS — PARIS

Sous réserve de l'approbation de Mrs. J. B. WARD elle même, je soussignée ODETTE HERTZ, Directrice du CENTRE NATIONAL WARD (affilié à l'INSTITUT GRÉGORIEN DE PARIS, Directeur Mr A. Le Guennant), et déléguée par Mrs J. B. WARD comme responsable générale de l'Enseignement de sa METHODE pour: la FRANCE, le CANADA, la BELGIQUE, l'ESPAGNE et le PORTUGAL, reconnaitrai volontiers L'INSTITUT PIE X DE RIO DE JANEIRO comme CENTRE de diffusion de la METHODE WARD pour le BRÉSIL. Sous réserve de la formation des Cadres, habilités à son enseignement, selon les conditions fixées le 14 OCTOBRE 1953, à PARIS et rappelées au CONGRÈS NATIONAL DES CADRES DE L'ENSEIGNEMENT WARD, qui s'est tenu à PARIS les 25 et 26 septembre 1956 (page 8 du Compte-Rendu édité à l'issue de ce Congrès, dont un exemplaire a été remis à Melle Coutela).

Approuvé

Assinado: Justine B. Ward

Washington D.C. August 31, 1957

Institut Grégorien de Paris
Section WARD

Rue d'Assas, 21
Paris (VI)

Assinado: Odette Hertz

NOTA: Ces conditions, requises pour la formation des Professeurs de l'Enseignement de la METHODE WARD et pour celles des Cadres, sont alignées sur celles imposées au CENTRE NATIONAL FRANÇAIS, et, en HOLLANDE, au WARD-INSTITUT, seuls Centres Officiels de diffusion reconnus en Europe par Mrs J. B. WARD.

A execução má e a falta de formação técnica são causas suficientes para explicar a falta de interesse pelo Canto Gregoriano que homens de igreja manifestam.

BIBLIOGRAFIA

1. "Santa Maria em seu tempo"
Renée Zeller — Editora: Agir

Não é fácil escrever uma biografia de santo. Decantar por entre mil aspectos de luz e sombra as linhas principais de uma face viva forjada de tempo e de eternidade, de limo da terra e de linfa do céu é empresa em que muitos fracassaram.

Este trabalho torna-se mais árduo se as fontes a esmerilhar são raras e a personalidade a estudar de uma qualidade sem par. Tal é o caso da Virgem Maria, Mãe de Jesus — a "Virgem Singular". O mistério de sua existência tem atraído a muitos e é imensa a literatura marial, em que não poucos sucumbiram à tentação de preencher com as lendas a imaginação e a projeção dos próprios sentimentos as imensas lacunas e a imprecisão dos contornos. "Cachée sous son voile, perdue dans le silence de son Dieu, la Vierge Maria ne se révèle qu'aux enfants, assez droits, purs et simples pour supporter l'éclat de sa lumière. Ce ne sont pas les savants et les philosophes qu'elle choisit pour ses confidents, mais de tout petits" ("Malgré, toi, Sataz!"). O mistério da Virgem desnorteia principalmente por sua incrível simplicidade. A autora de "Santa Maria em seu tempo", saiu-se bem de seu propósito. "Em vez de entregar-se à imaginação ou ao sentimentalismo. Renée Zeller procura nas fontes autênticas dos Evangelhos, na tradição das Igrejas Grega e Latina, nos historiadoras que dão o quadro político e os costumes da época, a imagem mais viva e fiel de Maria." Além disso certas intuições de Renée Zeller brotaram indubitavelmente não só do estudo, mas da meditação e de meditação de filha. Por isto sua palavra se aproxima do silêncio sagrado que envolve a "Rosa Mística" e

por isto: "poucas obras de estilo popular conseguem, como esta, aliar a informação histórica, a espiritualidade autêntica e a simplicidade de estilo, tornando presente a figura e a missão, não só no seu, mas no nosso tempo".

Guardadas as proporções, aplicamos aos retratos daquela que é o "Espelho de Justiça" o pensamento de Pascal: "A natureza tem perfeições para mostrar que é a imagem de Deus; e defeitos para mostrar que é apenas a sua imagem".

2. "A arte de educar as crianças de hoje".

Pe. G. Courtois — Editora: Agir

E' preciso que a criança de hoje não despreze os valores da Criança Eterna, e a Criança Eterna não minimize as dificuldades da criança de hoje. Eis a síntese do livro do Pe. G. Courtois, onde se encontram, em feliz conjuntura, a admirável intuição do educador, as conquistas culturais do psicólogo e as virtualidades do sacerdote. Não é um livro de "receitas", que receitas não as há para "arte tão difícil e delicada, feita um pouco de ciência e de experiência, de muito bom senso e, sobretudo, de muito amor." — "E' preciso reconhecer que a criança atual está mais do que noutras épocas, marcada por um contacto prematuro que a cerca, Cartazes, cinema, televisão, slogans publicitários, exemplos da rua e dos jardins públicos, ilustrados com violentas cores, se imprimem na sua alma. Sua curiosidade se embota, sua confiança se perturba, seu espírito de independência se manifesta de maneira anárquica, os valores capitais traduzidos pelas palavras lealdade, autoridade, consciência, caridade, perdem a força e chegam mesmo a se envilecer dolorosamente em muitos".

Mas estas palavras realistas não inculcam o pessimismo, porque a educação cristã, que se propõe a perfeita formação do cidadão da terra e do céu, leva em conta as virtualidades batismais; não prescinde da Graça. fator tão ponderável, desconhecido ou subestimado pela educação leiga. O educador cristão acredita em Deus, na aima das crianças. Dai surge o otimismo justo que chega a almejar o desabrochamento completo da educação: a santidade. E isto em todos os tempos, mesmo porque

na santidade autêntica encontra-se a ressonância própria de cada época.

Este livro, visando a educação infantil, é de grande valia aos próprios pais, na sua reeducação. E' um fato, que tantos males e desmandos juvenis são a expressão aguda de fenômenos que traduzem uma realidade profunda e dolorosa: a incapacidade e a abdicação dos pais de sua missão insubstituível — a educação dos filhos.

Ir. M. HELENA, O.P.

ASSINE, LEIA e PROPAGUE a Revista de ESTUDOS; a Revista de Cultura de maior tiragem no Brasil. Sob a orientação do Dr. Armando Câmara e Pe. Antonio Loebmann e Secretariada por Roque Steffen.

Assinatura anual Cr\$ 100,00
Número avulso Cr\$ 25,00
Revista Trimestral

Façam seus pedidos: Revista de ESTUDOS — Caixa Postal 358 — **Porto Alegre — Rio Grande do Sul.**

AVISO IMPORTANTE :

Pedimos aos nossos assinantes o grande favor de fazerem seus pagamentos da seguinte maneira:

- a) **Cheque pagável no Rio;**
- b) **Vale Postal ou Carta com valor declarado.** Para controle pedimos nos enviarem o número destes vales postais.

Não podemos, absolutamente, aceitar "**Ordens de Pagamento**".

Muito gratos.

VIDA DO INSTITUTO PIO X

3 de Setembro — Festa de São Pio X — Celebramo-la no Mosteiro de São Bento, às 9h30, com Missa Cantada. Foi celebrante o Revmo. D. Basílio Penido, O.S.B. Regente do Côro. D. João Evangelista Enout O.S.B. — Compôs-se o Côro de 200 alunas dos nossos Colégios, de 20 vozes masculinas — clérigos e rapazes — alguns dêles, alunos do Revmo. Pe. Amaro Cavalcanti e Albuquerque, Professor do I. P. X, e das alunas do Instituto Pio X. Entre os Colégios estavam 12 meninas da Escola Pio X de Areal dirigida por uma de nossas distintas alunas e filiada ao Instituto Pio X (1).

Cantaram todos muito bem. Dizemos mesmo, sublinhando, **muito bem**, tanto o Próprio como o Comum da Missa IV. Foi triunfal o canto da Antifona “Misericórdias Dómini”, fervorosamente cantada por todos, após o Evangelho final. Impossível dizer mais... senão: **Deo gratias!**

D. Basílio dirigiu-nos fraternalmente, as seguintes palavras, durante a Santa Missa:

Caríssimas Irmãs,

Eis-nos novamente reunidos para celebrar a festa do nosso padroeiro celestial, o Santo Padre Pio X, e ao mesmo tempo erguermos as nossas ações de graças ao Pai do céu por todos os benefícios recebidos em mais este ano de trabalho na vinha do Senhor. E' o momento de também nos recolhermos e meditarmos mais uma vez no sentido dessa nossa vocação de dedicarmos o nosso esforço e grande parte do nosso tempo disponível ao aperfeiçoamento do canto sacro como meio excelente de nos aproximarmos de Deus.

Vejam caríssimas irmãs, essa vocação para o canto, perfeitamente enquadrada na grande e universal vocação religiosa da criatura humana. Entre todos os chamados que se fazem sentir numa vida humana, o mais importante, o mais profundo e necessário, podemos dizer mesmo o unico necessário, é o da vocação para adorar a Deus, ao Senhor Todo Poderoso do céu e da terra, ao Pai que nos ama, cuja obra foi amor, que nos criou no amor e para o amor. E à adoração de Deus deve-se essa silenciosa e constante entrega interior da criatura com tôdas as suas forças e energias, com tudo que ela tem e possui, que lhe foi dado pelo Senhor mesmo, mas que ela devolve ao Criador como sinal de sua admiração ilimitada, de sua submissão absoluta. Adorar a Deus, minhas irmãs, é abismar-se constantemente na admiração das perfeições divinas, na contemplação desse Ser que consiste em amor, e que nos amou desde tôda a eternidade antes mesmo que existíssemos. Adorar a Deus é procurar incessantemente a Face divina, mistério escondido atrás do véu das criaturas; é entregar-se a essa procura cada dia maior de uma Presença, de uma Luz que não conhece termo.

E a ação se completa, repercute, no sentimento que prorrompe das profundezas daquêlê que adora, sentimento de gratidão, desejo de responder de corresponder com o amor, com a caridade ao amor que primeiro nos amou. E' a isso que chamamos “ação de graças” e os gregos “eucaristia”, “gratias agamus Deo. no Deo nostro”.

Contudo entre todos os meios que o homem encontrou para dar vazão aos sentimentos que lhe enchem o íntimo da alma, quando pensa na doçura inefável do mistério que lhe é revelado, o canto pode ser considerado dos mais eminentes e até mesmo, talvez, dos essenciais. Não é por nada, sem dúvida, que a Escritura Sagrada nos fala no canto dos eleitos, no cântico novo, naquêlê aleluia que nós ainda desconhecemos, mas que, com a

(1) Daremos brevemente notícias sôbre esta nossa filial.

graça de Deus, há de encher nossos corações e lábios quando chegar a hora em que houver um céu novo e uma terra rova. E' que a vocação da adoração é uma vocação eterna para o homem, e seus canais de expressão serão essencialmente os mesmos ainda que sobremaneira elevados acima do estado natural por meio de graças especiais e poderosas.

Mas, podemos então perguntar: "E aqui na terra? Será possível um canto, uma expressão de adoração que se aproxime da dos bemaventurados e eleitos? Repetirmos em nossos corações as palavras do salmista: "Quomodo cantabimus canticum Domini, in terra aliena?" Como poderemos cantar o cântico do Senhor na terra do exílio, nesse vale de lágrimas, onde as tribulações, os sofrimentos, parecem por vêzes envolver de tal modo a vida humana, que tornam mais espesso ainda o véu que recobre o mistério de Deus. E' na analogia da fé, é na esperança da cruz do Senhor, é enfim no ardor da caridade, participação viva aqui na terra, do amor de Deus, que haremos de cumprir nossa vocação de adoração, vivificando dêsse modo nossos meios de expressão para que êles se tornem perfeitamente aptos a levar aos pés do trono de Deus essa mesma adoração e ação de graças. E assim como nossa fé, ainda que movendo-se na escuridão e nas trevas, é um conhecimento certo e verdadeiro, tão certo e tão verdadeiro quanto os da visão beatífica, pois tem o mesmo objeto, assim o nosso canto aqui da terra, em sua função analógica, tem o mesmo Objeto divino, atinge a mesma Realidade inefável, para a qual é dirigido o Cântico Novo dos Santos do céu. E' pois magnífica, e profundamente cristã essa nossa vocação do canto.

Peçamos hoje ao Senhor, por interessão de Maria, d'Aquela que é a Rainha dos anjos, que no seu Magnificat formulou a expressão mais perfeita a que se pode chegar aqui na terra, da adoração e ação de graças, peçamos que pela interessão do nosso padroeiro, o glorioso Pontífice São Pio X, que o Senhor nos dê a graça de perseverarmos, no meio das dificuldades tôdas, que saibamos encaminhar mais um ano, mais tantos anos quanto Êle o deseja, sempre cantando pelos dias da vida terrena, nosso cântico de adoração, até que o possamos transfigurar e unir ao Aleluia, ao Cântico Novo e sem fim dos que contemplam a Face de Deus por tôda a eternidade.

Assim seja.

D. BASÍLIO PENIDO O.S.B.
3-IX-1957

Ficou decidido que a próxima "SEMANA GREGORIANA", será em São Paulo, a convite do Colégio Santo Agostinho, R. Caio Prado, 232 — de 20 a 31 de janeiro de 1958.

Continuaremos os estudos feitos na "Semana" de julho p.p., começando-se pelos exames para entrega do *Certificado* de 1.º Ano.

Logo após, de 1 a 15 de fevereiro, no mesmo local, se dará a *Curso de Método Ward*, em duas turmas: uma de principiantes do mesmo e outra em continuação do estudo feito na Semana de julho p.p. aqui no Ric. para obtenção do *Certificado* de 1.º Ano, mediante exames que se processarão nos dias 14 e 15 de fevereiro.

Esperamos que nenhum Semanista do Rio, neste julho p.p., falte ao novo encontro e anime outros novos Semanistas a comparecerem.

Uma centena. De 18 a 28 de julho de 1957 realizou-se no Externato Angelorum, Glória, Rio de Janeiro, DF a X.ª Semana Gregoriana, organizada pelo Instituto PIO X.

Após a Missa Cantada de S. Camilo de Lellis, precedida do *Veni Creator*, em que foi oficiante D. João Evangelista Enout o.s.b., procedeu-se à abertura

X SEMANA GREGORIANA

dos trabalhos. A D. João Evangelista está entregue o Instituto Pio X, no que de mais profundo e mais eficiente possui: sua vida espiritual e sua interpretação segura e finamente artística do Canto Gregoriano. D. João sabe obter que o Côro reze enquanto canta.

Logo após publicamos as palavras que D. João nos dirigiu então.

Desta Semana participaram Religiosas de 17 Congregações femininas, num total de 62 religiosas: Beneditinas—Sdo. Coração de Maria—Franciscana Missionárias de Maria—Dominicanas—Franciscanas—Pequenas Irmãs da Divina Providência — Santa Catarina — Jesuítas — Divina Providência — Lourdinás — São Jcsé — Santos Anjos — Salesianas — Cónegas de Sto. Agostinho — Missionárias de Jesus Crucificado — Santa Úrsula e Sion:

2 franciscanos, 2 padres seculares, 1 salesiano, 1 palotino, 1 dominicano, 4 clérigos camilianos e 3 irmãs maristas, além de 25 leigos, num total de 100 semanistas.

Só este número, de si, já fôra um triunfo, não houvesse, para gáudio e recompensa dos organizadores, a farta messe de resultados próximos e promessas futuras, abundantes e confortadoras.

Participante que fomos da 1.^a Semana Gregoriana, de julho de 1952, na qual a presença de M. Le Guennant e de l'abbé Bihan, respectivamente Diretor e vice-dito do Institut Grégorien de Paris, davam a nota de oficialidade e de catholicidade do Movimento Gregoriano, pudemos nesta X.^a Semana, aquilatar do que vem sendo a Obra do Instituto PIO X.

* * *

Uma alma de Apóstolo, Mère M. Rose Pôrto. O.P., num desafio à precária saúde, vem conseguindo o milagre de implantar em terras indígenas, o método gregoriano solesmense, num labutar humilde mas profícuo e meritório de, já, mais de um lustro.

Este ano, ao realizar a X.^a Semana Gregoriana, lançou, pela primeira vez no Brasil — e talvez na América do Sul — o Movimento WARD.

Deus, ao tempo em que lhe reserva no céu uma grande recompensa, nô-la conserve ainda longos anos, para orientadora e exemplo.

* * *

Os heróicos semanistas de 1957. A concomitância de 3 Cursos, diferentes embora afins: Canto gregoriano, Método WARD e Imposição da voz e Dicação, tomando literalmente todos os minutos dos dez dias vividos no Externato Angelorum, não deixou dúvidas a ninguém quanto ao ritmo de trabalho exigido de todos. Era qualquer coisa como a condução carioca: era preciso correr; ir devagar ou parar era ser abalroado pelos que vinham atrás! Por isto, desde o 2.^o dia todos os semblantes revelavam, de um lado, a preocupação de estar em dia com a matéria lecionada e os deveres propostos, de outro, a indagação angustiosa de como dar conta do recado.

Desta disposição de espírito nasceu um ritmo de trabalho e de compenetração que foram a fórmula capaz de tornar a Semana eficiente ao máximo. Mesmo porque as professoras não eram "brinquedo"! Quanta noite encurtada para trazer os "planos de aula" prontinhos! E não havia escapar à sagacidade da professora. Não fôsse ela d. Daisy...

* * *

Método WARD. Concebido por Mme. Justine Ward, o método dêste nome, partindo das modernas conquistas da psicologia aplicada ao mundo infantil, afasta-se radicalmente do maçante método clássico do ensino da música, de tão conhecidos resultados negativos.

Que a criança de hoje detesta o ensino da música no currículo escolar é coisa sabida. No entanto, devera ser o contrário. Culpa dos mestres, a quem só resta o consólo (triste) de, por sua vez... lançar a culpa aos métodos.

O método WARD, já amplamente difundido nos E.U., Holanda e França, cientificamente construído, toma a criança aos 4 anos e meio ou 5 e, agradávelmente, brincando, divertindo, consegue que ela, aos 9 anos, execute à primeira vista, qualquer peça gregoriana ou polifônica. Mais: consegue que, aos 9 anos, senão antes, a criança **dirija** com eficiência os próprios coleguinhos. Há mais. Fiquemos, porém, aqui. Entretanto, os fatos existem. Comprobatórios. Irretorquíveis. O Método, quando aplicado perfeitamente, produz resultados totalmente satisfatórios. Surpreendentes.

A criança, talvez porque apenas saída das mãos de Deus, traz mistérios nunca imaginados de arte e ritmo, que o Método WARD aproveita e dirige... antes que os "professôres" de música a desgostem ou enfadem. Dói, mas é a verdade.

* * *

Palmas à iniciativa! Por isto, a iniciativa do Instituto PIO X, introduzindo oficialmente o ensino do método WARD no Brasil, através a ação da prof. d. Daisy Alcalá, formada pelo **Institut Grégorien de Paris** e autorizada por Mlle. Hertz que detém ali, para os países de língua latina os direitos autorais do método Ward, reveste-se de tal importância que não fica mal afirmarmos: amanhã, (um amanhã que as condições "brasileiras" do nosso ambiente pedagógico podem tornar distante, sabemos) o ensino, a cultura e o progresso da música, no Brasil, ficarão devendo ao Instituto PIO X, os promissores frutos que, por tardarem, não deixarão de vir.

* * *

"Nosso" Curso WARD.

"Bom dia, meus filhinhos!"

"Bom dia, professora!"

Esta saudação, dita em LA4, introduzia-nos, cada manhã às 8h30, no distante e maravilhoso mundo de nossos 6 anos. Despojávamo-nos de nossos conhecimentos de adultos, de nossas prerrogativas de sacerdote, mães, professôres, e passávamos a ser os "**menininhos**" de 6 anos. No começo, naturalmente, houve fugas para a realidade — *Chassez le naturel, il revient au galop* —. Mas, lá vinha a chicotada da professora: — **Que menino sabido**, (Apanha, Joãozinho!)

Depois, fomos nos acostumando. Muito depressa. Mais depressa do que pensávamos. Nem deixou de nascer a natural rivalidade de "**menininhos**" e "**meninhas**", na pele de gente grande, de gente sizada, de gente protocolar.

Assim, até às 10 horas, fomos nos habituando aos processos complicados, porque novos, de lidar com a psicologia infantil. Nunca houveramos imaginado que a elaboração do plano de uma aula de apenas 20 minutos, que mais não duram as aulas do Método, nos tomaria duas horas de trabalho e... muito fofato. Mas, só no começo. Depois, com a experiência e os erros — esses, muitos, para gáudio (!) de d. Daisy — os planos de aula já eram coisa menos charadística.

Naturalmente, não vimos todo o Método. Nem mesmo o 1.º Ano, dos 4 de que se compõe. Foi uma iniciação ao Método, cujo prosseguimento será no Instituto PIO X para os que moram no Rio e, se Deus quiser, em

São Paulo de 1.º a 14 de fevereiro de 1958 para os de fora. Local: Colégio Sto. Agostinho, Rua Caio Prado, 232.

De qualquer forma, a semente está lançada. Lançada com a proficiência e devotamento excepcionais de d. Daisy, tão pequena de estatura mas tão gigantesca em tudo o mais. Suas aulas se revestiam de tal magia e a tal ponto nos cativaram que neste momento preciso em que bato ao teclado da máquina estas impressões cursísticas (!) vem-me à garganta um nó de saudades daqueles momentos ritmados, sonorizados e mímicos: nê nê nê nê nuuuuu...

* * *

Canto Gregoriano. O Gregoriano, nem podia ser de outra maneira, foi o cerne do Curso. Como a quase totalidade dos semanistas era de novos, começou-se pela raiz. Leitura de neumas, contagem 1, 2, 1, 2, 1, 2, 3, 1, 2, base imprescindível para a segurança do edifício. Digam-no os que, como nós, tentaram queimar etapas. Depois, o ritmo. Puro, autêntico, natural. Legado precioso do grande restaurador D. Mocquereau.

Mère Rose e irmã Maria Lina foram as professoras. Uma, aquela, distilando para o grupo de sacerdotes e religiosos, os segredos do ritmo gregoriano. Lúcida, segura, didática. Repisando, indagando, repetindo, incansável e apostólica.

Outra, esta, abrindo à inteligência e ao coração das cursistas, a novidade do canto eclesiástico com sua beleza e suas exigências. Trabalho frutuoso, labor meritório.

Proibido improvisar! Quatro vezes no decurso da Semana, o programa previa **Missa cantada solene.** Os ensaios corriam sob a direção de D. João Evangelista Enout. o.s.b, burilador delicado, fino, aliando uma bela voz de harmônicos úmidos a um caráter imperturbável, a derramar nos alunos aquêle balsamo de unção espiritual que êle haure do **Opus Dei.** Não fôsse assim, quem aguentaria as repetições de hora ou mais? Não fôsse assim, não teríamos aceito com um sorriso os homens, sermos o carro de boi se arrastando nos neumas leves, enquanto a "escolinha" era o passarinho esvoejando leve e gracioso. Assim: psi...psi...psi...

* * *

Impostação. Difícil realizar o "cantar com beleza" de S. Pio X, se à cultura gregoriana não aliarmos a educação do órgão fonador. Por isso, não podia faltar a parte técnica: a impostação da voz.

D. Clarisse Stukart Rosebaum, com larga experiência neste terreno em que muitos naufragam, encarregou-se desta parte. Lançou as bases. Melhor dito: limpou o terreno e orientou para o trabalho posterior. Dez dias são um minuto para tal tarefa. Conquistou a todos pela sua jovialidade, simplicidade, solicitude. Numa palavra: uma grande professora.

* * *

Dicção e pronúncia do latim. E' mais fácil ensinar novidades do que corrigir defeitos. Que o diga d. Laura, formada no Instituto PIO X e que nos deu ótimas e proveitosas lições de pronúncia latina, aliada a princípios de Salmódia. Mais do que suas preleções valia seu exemplo de carioca pronunciando perfeitamente o latim romano.

* * *

Vida litúrgica. Por feliz disposição da Providência ou simples coincidência — não me culpem por assim falar — nenhum celebrante estranho ao Curso veio officiar nas nossas quatro Missas cantadas.

E' verdade que tivemos a visita carinhosa de S. Emcia. O sr. Cardeal, D. Jaime de Barros Amara, surpreendendo-nos em plena aula. Foi uma distinção e um estímulo. E quão altos! Mas o que queremos salientar é a nota **comunitária** que presidiu a nossos Offícios solenes: éramos os Semanistas a cantarmos a nossa Missa. Difícil definir o sentimento que experimentamos quando sentimos que, desde o Celebrante até o último elemento do Côro, éramos os semanistas que ali estávamos. em estreita comunhão de esforços e de coração, a oferecermos a Deus, os frutos de uma prece mais rica, mais bela, mais perfeita. Prece que fôra trabalhada, estudada, polida, desde um simples **Dominus vobiscum** ou um breve **Amen**, em longas horas de repetição. Experimentávamos a certeza de estarmos a oferecer uma oração menos indigna da Majestade Divina. Rezávamos melhor.

Nem é de se estranhar a confissão de muitos: uma Semana assim vale por um Retiro!

* * *

Encerramento. Após o canto das Vésperas e a Bênção do Smo., reunidos alunos e mestres, o Rvmo. Pe. Amaro Cavalcanti e Albuquerque, professor do Curso de Vozes masculinas, do Instituto Pio X. presidindo a sessão de encerramento, concitou-nos, em palavras amigas, a que levássemos a todo o Brasil a boa semente que aqueles dias haviam depositado em nós. Como a semente deve morrer antes de germinar. assim, a obra gregoriana exigirá muita vez, que nossos esforços e nossa atuação sofram a "morte" das dificuldades, das incompreensões mesmo, para chegar a ser a árvore frondosa que cobrirá o vasto Brasil.

Em certa resposta, o semanista pe. Fernando Iório disse, em belo improviso da nossa gratidão. Assumindo então o comando da sessão, um dos "**meninhos**" deu a palavra às "**meninhas**" que apresentaram um número musical folclórico bem trabalhado.

Neste momento, deu-se um fenômeno curioso. Todo o esforço dispendido durante os 10 dias de trabalho ininterrupto explodiu (explodir é bem o termo) na verve dos semanistas que, a seu modo, como alunos que chegam ao final do curso, disseram aos mestres, tôda a admiração, tôda a gratidão e tôda a estima que lhes ia na alma. Com a maior liberdade de uma família cristã.

Muito bem se exibiram as "**meninhas**" que em versos simples lembraram.

a balinha do **Alfredinho gripado**,
o **Joãozinho promovido a secretário**,
o **Pedrinho querendo cartaz**,
o **Marronzinho "monótono"**,
o **espaçadrapo, a tremedeira, etc etc.**

Muito bem se houveram os "**meninhos**" que em esqueches hilariantes "gozaram"

o sorriso nos olhos de D. Clarisse,
o violoncelo e o "apita ai" de Dom João,
os "ti" e não "tchi" de D. Laura,
a "ferocidade, os nuuuuuuu... os "que nota eu dei?"
e o "sangue de toureiro" de d. Daisy,

enfim tôda a vasta gama das inesquecíveis impressões de aula. Dificil dizer quem appreciou mais: se os mestres, se os próprios alunos. Realmente, parafraseando: **Semana gregoriana, só há uma!**

Enfim, foi uma alegre e divertida despedida.

Deus Nosso Senhor e são Pio X paguem a todos e sobretudo a Mãe Rose, mola mestra de todo o movimento gregoriano brasileiro.

PALAVRAS DE D. JOÃO EVANGELISTA:

"Esta "Semana Gregoriana" se inaugura sob o signo da caridade; da caridade vivida de um S. Camilo de Lellis cuja missa acabamos de cantar, da caridade que se exprime pela união de tantos hábitos diversos: sacerdotes, religiosos, religiosas de diversas ordens e congregações, seminaristas e leigos, num mesmo ideal de louvar, de cantar um cântico novo ao Senhor. Mas, se estamos unidos por uma só caridade, temos que considerar o que cantavamos no Evangelho de hoje: "Non vos me eligistis, sed ego elegi vos" não fostes vós que me escolhestes mas eu que vos escolhi: e Santo Agostinho ensina; não se exige de nós que não amemos, mas que escolhamos o que amar: "**eligere quid diligere**" e como escolher se já fomos antes escolhidos, se Deus nos escolheu, se Deus nos amou primeiro? a "dilectio" divina existe na base de uma "electio" e nossa escôlha e nossa caridade é antes de tudo uma retribuição, uma resposta, um responso a quem chamou primeiro. Esta nossa resposta se concretiza no "cântico novo" de uma "vida nova" instaurada para o "homem novo" pelo Cristo e no Cristo. Foi realmente o Cristo, com a vida nova que trouxe ao mundo, que nos ensinou a amar, que nos ensinou a alegria — Ele que é nossa alegria — do cântico novo. Se Deus se entusiasma com David, seu cantor, e exclama: "Encontrei David meu servidor!" é porque David antecipa o cântico novo do Cristo. é porque David é prenúncio do Cristo, no qual somos, existimos, vivemos e cantamos.

Entretanto. o Evangelho de hoje ainda nos admoesta: "Não amemos só com as palavras e com a bôca, mas com as boas obras". Sim, o nosso louvar a Deus é algo que tem de transbordar para a nossa vida, para as nossas ações. Louvor é expressão do amor e ama-se a Deus, louvando-O e amando o próximo como a nós mesmos. Nossas boas obras são precedidas, são entremeadas, são terminadas pela alegria do Canto, do "Canto novo" que o Cristo trouxe à terra. E' a glória de Deus, é a edificação da Igreja, dos nossos irmãos que procuramos com o nosso "cântico novo", seja êle o das vozes seja o das boas obras; estas enriquecendo a oblação que levaremos ao altar com nosso sonoro louvor. êste arejando a alma com o sópro do Espírito, impulsionando-a para viver o péso de cada dia com a alegria e o entusiasmo de uma vida nova que ecôa na eternidade. Chama-se isso viver com a Igreja, a vida de Cristo na terra a caminho da eternidade; chama-se isto sentir com a Igreja em sua vida liturgica e em sua vida apostólica; chama-se isso formar-se à sombra da Igreja, participar da sua vida de culto. Eis para o que fomos escolhidos, eis para o que fomos amados. E isso é apenas o início. Um início que crescerá sem fim... Nossa resposta será de amor e de doação em plenitude e em exuberância, numa exuberância que se comunica a todos que se aproximam de nós, temos que levar conosco os nossos irmãos, aquêles que também são filhos da Igreja, que também foram amados pela Caridade do Cristo.

Esta semana nos reúne para nos prepararmos, para procurarmos a perfeição em nossa vocação de louvar o Senhor. Serão dias de trabalho pesado,

mas, também, de união e de alegria. Não tardemos mais em falar do que nos espera, passemos a realizá-lo com a força desse espírito novo à procura de sua expressão no Cântico novo do Amor do Cristo".

IR. ATICO RUBINI

31-7-57

* * *

REVISTA GREGORIANA e

"PERGUNTE e RESPONDEREMOS"

Devido ao grande incremento tomado pelo **Pergunte e Responderemos**, por causa do interesse que vem suscitando, resolvemos, a partir do mês de julho, publicar mensalmente este fascículo de tão oportuno apostolado. Vemo-nos na obrigação de tomar as seguintes determinações que, estamos disto certos, receberão plena sanção dos nossos assinantes:

ATÉ O FIM DÊSTE ANO DE 1957

Assinatura da "Revista Gregoriana": 70,00 ainda. Os assinantes receberam este ano, os fascículos números 1, 2, e 3 do **Pergunte e Responderemos** a título de propaganda. Quem desejar os outros números, queira endereçar-se aos seguintes endereços:

RIO DE JANEIRO (Capital)

Inst. Pio X do Rio de Janeiro — R. Real Grandeza, 108

Livraria "Lumen Christi" — Caixa Postal 2666

Livraria "Vozes Ltda." — Rua Senador Dantas, 118-A

Livraria "Missionária" — R. 7 de Setembro, 65-A

Livraria Agir" — Caixa Postal, 3291

Livraria "Dom Bosco" — R. da Glória, 106

SÃO PAULO (Capital):

Casa Isnard & Cia. S. A. — Av. São João, 1140

BELO HORIZONTE:

Colégio Santa Maria — R. Jacuí. 237 — Floresta

PORTO ALEGRE:

Livraria Tabajara — Caixa Postal 1918 — R.G.S.

A PARTIR DE JANEIRO DE 1958

Assinatura da Revista Gregoriana: 100,00 (6 números), 60 págs.

Número avulso: 15,00 — Atrazado: 20,00.

Assinatura do Pergunte e Responderemos. 70,00 (12 números), 40 págs.

Número avulso: 10,00

Pedimos o pagamento até Março, o mais tardar.

Agradecemos sinceramente tudo que fizerem pelas nossas publicações.

Agradecemos sinceramente tudo que fizerem pelas duas publicações. pecuniariamente a impressão de Revistas. Estas duas pertencem aos assinantes: esperamos que continuem a mantê-las como até aqui.

SÃO PIO X OS ABENCOARÁ.

Refrigeradores

Climax

para o conforto no lar

Agora, edição 2000 com o novo compressor P.91 fabricado sob licença da Tecumseh Products Co., o refrigerador Climax dá maior rendimento com menor consumo.

O novo compressor garante funcionamento perfeito e silencioso.



fabricadas e garantidas pela IND. FERREIRA LOPES S.A.
S. Carlos - Est. S. Paulo



DISTRIBUIDORES EXCLUSIVOS

Isnard & Cia. S.A.

J. ISNARD S.A.

COMPRESSOR P.91



... super

hanc

petram...

For use in Library only

Princeton Theological Seminary Library



1 1012 01459 9213

Washburn Library

